



APTF 30 anos: Histórias & trajetórias de 30 terapeutas familiares



APTF 30 ANOS: HISTÓRIAS & TRAJETÓRIAS DE 30 TERAPEUTAS FAMILIARES

Edição comemorativa pelos 30 anos da
Associação Paulista de Terapia Familiar (APTF).
Ebook com distribuição gratuita.

Associação Paulista de Terapia Familiar - APTF

R. Comendador Miguel Calfat, 128
Vila Nova Conceição, São Paulo - SP, 04537-080
aptf.org.br @aptf.terapiafamiliar

Editoração: Ingra Maria Franco de Oliveira

Organizadoras:

Graziella Jones C. Mofarrej
Anaclara Miranda Rodrigues
Valéria Nicolau Paschoal
Isabel Aparecida Martins Ferreira
Cristiane Vaz de Moraes Pertusi
Ivana Freitas de Oliveira

*São Paulo - SP
Dezembro de 2023*

"Nós da APTF, honramos o legado e a história da Terapia Familiar no Brasil, fazendo pontes entre o passado, o presente e o futuro.

Autenticidade, espontaneidade e criatividade são valores que nos guiam em nosso trabalho.

Buscamos construir conjuntamente ações que ressaltem o que há de melhor em cada um. O saber coletivo nos move.

Trazemos a importância da continuidade, como também da inovação, respeitando as demandas dos novos cenários.

Com alegria, coragem, resiliência e humildade, favorecemos encontros que respeitam a diversidade e o protagonismo.

Primamos pela comunicação com leveza para encorajar as pessoas a se engajarem nessa missão de tornar a terapia familiar consistente e acessível a todos"



GESTÃO APTF - TRIÊNIO 22/25

Graziella Jones C. Mofarrej
Presidente

Anaclara Miranda Rodrigues
Vice Presidente

Valéria Nicolau Paschoal
Primeira Secretária

Isabel Aparecida Martins Ferreira
Segunda Secretária

Cristiane Vaz de Moraes Pertusi
Primeira Tesoureira

Ivana Freitas de Oliveira
Segunda Tesoureira

No coração de São Paulo, há uma chama,
A APTF, amor que nos inflama.
Trinta anos de jornada a brilhar,
Bodas de pérola, é tempo de celebrar.

Nas tramas familiares, semeiam luz,
Caminham juntos, semeadura de virtude seduz.
Trinta anos de dedicação, ternura e saber,
APTF, pérola rara, a todos envolver.

Na dança das histórias, laços se entrelaçam,
Com sabedoria e afeto, corações se abraçam.
Bodas de pérola, símbolo de pureza e calma,
APTF, tesouro da família, luz que irradia.

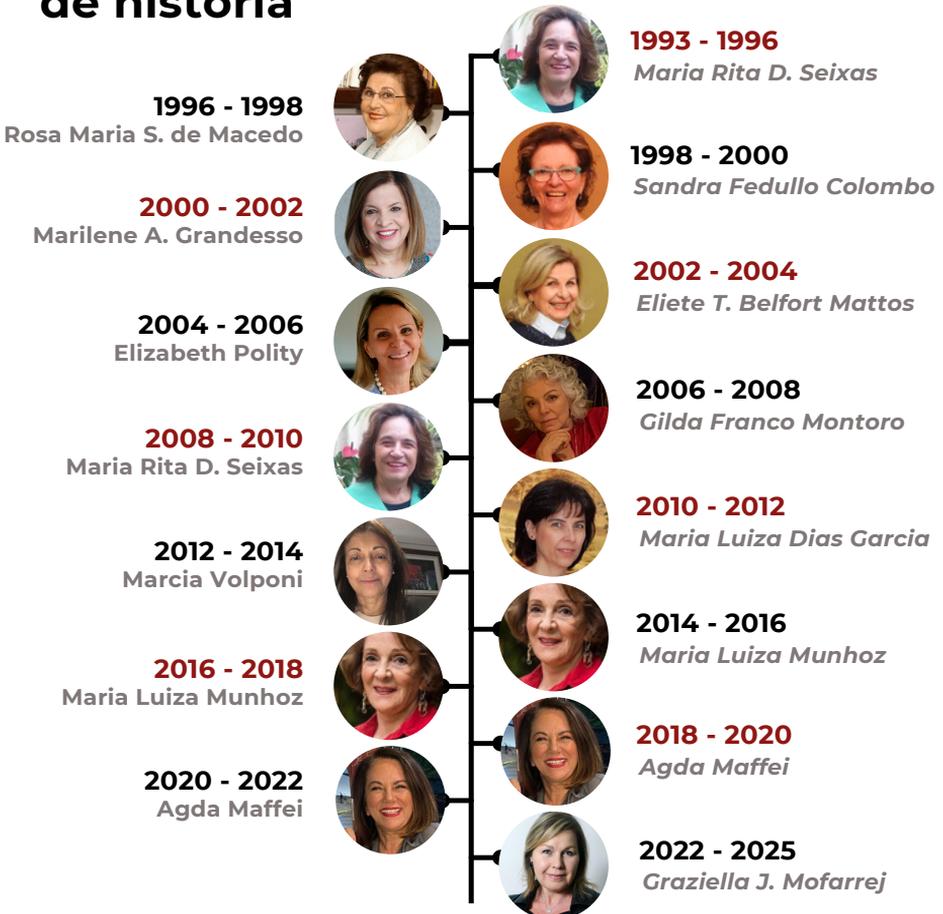
Três décadas de compromisso e acolhimento,
Caminhando lado a lado, amor é o fermento.
Perolada é essa jornada, reluzente e especial,
APTF, comemoração vibrante, poesia perenal.

Que essas pérolas se multipliquem,
E em cada ato, o amor nos explique.
Trinta anos de pérolas, colar de união,
A APTF, celebração, arte e coração.

Que o futuro siga sendo pérola rara,
Na missão de transformar cada jornada.
Bodas de pérola, brilho eterno no olhar,
APTF, aniversário a se exaltar.

Linha do tempo APTF

30 anos de história



Introdução

No dia 02 de junho de 2023 a APTF - Associação Paulista de Terapia Familiar - completou 30 anos!

Quis o destino que a nossa gestão (2022-2025) tivesse a honra de festejar esta data. Como fazer jus a ela com o merecido destaque?

Uma chuva de ideias! Elaborando e reelaborando, chegamos ao formato de uma comemoração que contasse com a participação de alguns dos protagonistas desta rica jornada.

Assim, convidamos 30 expoentes da Terapia Familiar para contarem suas histórias, passagens, memórias e sonhos.

30 histórias para celebrarmos os 30 anos!

"Jovem aniversariante, uma criança crescida que nasceu para brilhar", nas palavras de uma das suas fundadoras, Verônica Cezar-Ferreira que nos presenteou com um texto poético de sua autoria, especialmente para esta celebração. Além deste, recebemos também outros significativos presentes textuais de terapeutas familiares que enaltecem e enaltecem a história da nossa regional.

Esta coletânea nos inspirou a produzir este ebook, o qual apresentamos com imensa alegria. No último capítulo, estendemos o convite para você, que também faz parte dessa história, a dividir suas lembranças e desejos para o futuro da APTF.

Estamos felizes e orgulhosas em celebrar, percorrendo essa trajetória por meio das memórias e histórias vividas e construídas a muitas mãos e mentes. É possível notar em cada palavra, o amor, a dedicação e o trabalho, tornando a composição dessa obra tão rica como um lindo colar de pérolas, em que cada autor contribuiu com sua preciosa experiência.

Boa leitura!
Esperamos que todos aproveitem esta festa!

Abraços afetuosos,

Graziella, Anaclara, Valéria, Isabel, Cristiane e Ivana

Sumário

Capítulo 1	Ada Pellegrini Lemos	10
Capítulo 2	Adriana Fráguas	13
Capítulo 3	Agda Maffei	17
Capítulo 4	Ana Lucia de Moraes Horta	22
Capítulo 5	Ana Maria Fonseca Zampieri	25
Capítulo 6	Angela Hiluey	30
Capítulo 7	Azair Terezinha Vicente	34
Capítulo 8	Carla Guanaes-Lorenzi	38
Capítulo 9	Ceneide Cerveny	42
Capítulo 10	Eliete Belfort Mattos	44

Sumário

Capítulo 11	Elizabeth Polity	47
Capítulo 12	Emerson Rasera	51
Capítulo 13	Gilda Montoro	56
Capítulo 14	Helena Maffei Cruz	61
Capítulo 15	Janice Rechulski	65
Capítulo 16	Marcia Moreira Volponi	68
Capítulo 17	Maria Gabriela Mantaut Leifert	73
Capítulo 18	Maria Luiza Dias Garcia	79
Capítulo 19	Maria Luiza Moreno Carmona	83
Capítulo 20	Maria Luiza Pugliesi Munhoz	89

Sumário

Capítulo 21	Maria Rita D'Ângelo Seixas	94
Capítulo 22	Marilene Grandesso	98
Capítulo 23	Mathilde Neder	103
Capítulo 24	Mônica Haydée Galano	105
Capítulo 25	Rosa Macedo	108
Capítulo 26	Rosa Lia Mercaldi Galina	111
Capítulo 27	Sandra Fedullo Colombo	115
Capítulo 28	Suzanna Amarante Levy	122
Capítulo 29	Tai Castilho	125
Capítulo 30	Verônica Cezar-Ferreira	129
Capítulo 31	Você	132

APTF 30 anos: *Histórias & trajetórias
de 30 terapeutas familiares*

Capítulo 1

Ada Pellegrini Lemos



Membra fundadora e titular da Associação Brasileira de Terapia Familiar ABRATEF e da Associação Paulista de Terapia Familiar - APTF

Graduada em Serviço Social e Terapeuta de Casal e Família

- Fundadora e Presidente do Instituto PAUÁ - do Pensar Sistêmico e Interdisciplinar
- Membro da Associação Paulista de Psicoterapia de Grupo de São Paulo
- Autora de diversos trabalhos sobre família, terapia familiar, e intervenção com família de alta vulnerabilidade

Capítulo 1

Ada Pellegrini Lemos

Olá a todos,
obrigado pelo
convite e pela
lembrança.



Entre as muitas histórias que eu poderia relatar durante a minha jornada na Terapia Familiar, uma em especial me faz lembrar o "porquê decidi" me dedicar a essa especialidade.

Eu era professora na PUC/SP, quando fui procurada por uma aluna, perguntando se eu poderia atender ao seu irmão.

A família era composta pelos pais e três irmãs, todos formados em cursos superiores.

No entanto esse irmão, não conseguia terminar nenhum curso entre todos os que havia começado; o máximo que ele havia conseguido fazer era ser um datilógrafo no Fórum de Justiça em São Paulo.

Eu o recebi em meu consultório; ele era um rapaz magro, meio baixo, mal vestido em um terno meio amarelado e desbotado, muito simples.

Capítulo 1

Ada Pellegrini Lemos

Depois de algumas sessões, comecei a me surpreender com as suas respostas e interpretações, pois tudo que comentávamos ele trazia para a sessão seguinte tudo muito bem trabalhado e entendido e discutia com ótimos argumentos.

Resolvi então pedir a uma psicóloga um teste de QI.

Na semana seguinte, recebi a informação que essa psicóloga me procurava insistentemente em diversos lugares.

Até pensei que eu poderia ter cometido algum engano ao encaminhá-lo para esse teste.

Eu estava dando aula, quando ela entrou na sala, falando rapidamente: "Ada, Ada, esse seu cliente tem um nível de QI tão alto, que ele poderia estar na NASA" e que ela nunca tinha visto um caso semelhante.

A família não o conhecia e nem o reconhecia como tal.

Ele havia sido destinado a ser o ente familiar pouco capaz, indeciso e sem um futuro muito brilhante.

Vejam vocês a importância da família e como ela pode determinar as experiências, boas ou más, bem como o desenvolvimentos de seus membros.

Um abraço a todos e muito obrigada.

APTF 30 anos: *Histórias & trajetórias
de 30 terapeutas familiares*

Capítulo 2

Adriana Fráguas



Membra Titular e Membro da
Diretoria da Associação Paulista de
Terapia Familiar - APTF (2006-2008)

Psicóloga Clínica e Terapeuta de Casal e Família

- Sócia fundadora e formadora do Instituto Sistemas Humanos, São Paulo e Sorocaba
- Especialista em terapia infantil Sedes Sapientiae (1984)
- Formação em terapia de casal e família - ITF / SP (1990)

Capítulo 2

Adriana Fráguas

Receber o convite para contar um pouco de minha trajetória junto a APTF, no decorrer desses 30 anos me deixou muito honrada e feliz.



Parabéns à Graziella Mofarrej, presidente da atual gestão da APTF e sua diretoria, pela iniciativa em comemorar os 30 anos da Associação. Muito me orgulha pertencer a essa rede, que foi construída e tecida ao longo desses anos, contando com a generosa contribuição dos diversos colegas e amigos que não mediram esforços para construir esse lócus de pertencimento e difusão da Terapia Familiar, num contexto afetivo de respeito e ética relacional.

De que lugar eu falo?

Falo como terapeuta de casal e família, atividade que exerço há quase 40 anos, pertencendo ao quadro associativo desde sua fundação, em 1993...

E também como sócia fundadora e formadora do Instituto Sistemas Humanos, que desde o ano 2000 forma Terapeutas de Casal e Família e também integra a rede da APTF com a responsabilidade de divulgar e cuidar da formação e atuação do TF.

Como formadora, tenho um compromisso com a APTF de divulgar a importância de pertencer à Associação, fazendo parte de seu quadro associativo e participando de seus vários projetos, contribuindo para a divulgação da profissão em todo território nacional, bem como o atendimento à várias famílias que necessitam de atenção e cuidado.

Capítulo 2

Adriana Fráguas

Ao aceitar esse convite para participar dessa celebração, me vi percorrendo a linha do tempo, acessando meus arquivos e memórias afetivas...

Lembro com carinho e gratidão de todos que fizeram parte dessa construção, os presidentes e colegas que ocuparam cargos nas diversas gestões e que ao longo desses anos foram oferecendo suas contribuições, enriquecendo nossa associação.

A APTF se constituiu um espaço de trocas científicas, conhecimento e saberes, integrando diferenças, entre os profissionais de distintos institutos formadores, capital, interior e demais regiões do Brasil. Gerando sentimento de pertencimento, tão fundamental para nossa identidade, bem estar e segurança.

Tive uma participação mais atuante em algumas diretorias - Sandra F. Colombo, Marilene Grandesso, Elisabeth Polity, Gilda Montoro, integrando em alguns projetos e em algumas comissões científicas, de jornadas paulistas e congressos realizados aqui em São Paulo, com participação conjunta da APTF junto à ABRATEF.

Na gestão da Eliete Belfort Mattos, (2002-2004), fui secretária da diretoria.

Foram experiências enriquecedoras, com trocas de ideias e aprendizados mútuos. Pertencer a APTF me proporcionou conhecer colegas, de São Paulo e das mais distintas regiões do nosso país. Alguns se tornaram muito próximos, pessoas especiais e queridas em minha vida.

Meu envolvimento maior como colaboradora junto a APTF, foi com o Boletim "O Bode Espiatório" - aquele que tudo "espia"... Que saudade... fazer parte da Comissão Editorial durante algumas gestões, juntamente com minha querida Rosana Galina, foi uma experiência muito gratificante. Aprendi parte do ofício editorial com nossa saudosa Rose Nahas, que brilhantemente coordenou as primeiras edições de nosso boletim.

Capítulo 2

Adriana Fráguas

Eram publicações trimestrais, contendo artigos científicos, contribuições de nossos associados, notas compartilhadas sobre eventos realizados pela Associação, pelos Institutos parceiros ou mesmo eventos internacionais; entrevistas com convidados estrangeiros, resenhas de livros, comentários sobre filmes.

A sessão "palavras da presidente" também nos atualizava sobre os feitos e ocorridos naquele trimestre. O boletim era um espaço aberto para colaboração e participação ativa dos associados. Um veículo que nos aproximava da APTF e dos demais colegas. Uma rede viva e atuante de trocas, conhecimentos e saberes.

Fazer parte da Comissão se traduzia numa tarefa trabalhosa, porém prazerosa... desde montar a programação, sugerir e pedir os artigos para os associados, corrigir, diagramar, enviar para a gráfica e aguardar para receber em casa... que era um momento aguardado e muito especial.

Sou do tempo que folhear página por página e deixar a vista para ler nos intervalos significam momentos de muito prazer.

Ao falar do boletim não posso deixar de citar a Silvana Miranda, então secretária da APTF, que participava da execução, fazendo a diagramação e finalizando, até a distribuição pelo correio... Trabalho artesanal, tecido a muitas mãos.

Como é praxe nos aniversários, endereço meus cumprimentos a APTF por suas conquistas nesse rico percurso e desejo vida longa a nossa Associação. Fico feliz em acompanhar as novas gerações se ocupando e cuidando de sua continuidade, enriquecendo com novos projetos, propostas de cursos, eventos e outros desafios. Continuem contando com minha colaboração.

Parabéns APTF, parabéns a todos nós!

APTF 30 anos: *Histórias & trajetórias
de 30 terapeutas familiares*

Capítulo 3

Agda Maffei



Membra e Presidente da Associação Paulista de Terapia Familiar - APTF (2018-2022) e Diretora Vice-Presidente ABRATEF (2022-2025)

Psicóloga, Psicodramatista e Terapeuta de Família

- Docente de cursos de formação em Psicodrama e Terapia Familiar
- Membra do CDC da ABRATEF (2018-2025)
- Projetos Sociais com grupos de multifamílias de alta vulnerabilidade

Capítulo 3

Agda Maffei

São Paulo,
Novembro de 2023



Querida Diretoria Executiva da APTF (gestão 2022-2025),

Compartilho com vocês uma experiência que vivi durante a faculdade de Psicologia (1975 a 1979, PUC-Campinas).

Representou o início de uma trajetória profissional comprometida com as causas sociais, presentes em meu trabalho como terapeuta familiar e também nas funções de presidente da APTF (em duas gestões: 2018-2020 e 2020-2022) e, atualmente, como vice-presidente da ABRATEF.

Em 1977, houve o fechamento do restaurante da PUC Central, onde as refeições eram oferecidas aos estudantes que, com pouca verba, tinham o seu almoço garantido.

Esse fato resultou em uma reunião aberta no Pátio dos Leões, lugar onde eram discutidos os problemas relacionados aos alunos e à Faculdade.

Nessa época eu morava em um pensionato bem recomendado pela cúpula da diocese de Campinas e não dependia do restaurante para a minha sobrevivência. Entretanto, estava sempre presente nas discussões que envolviam a faculdade.

Nessa reunião, decidimos eleger um delegado para representar a Psicologia da PUC- Campinas no Congresso da UNE, em Belo Horizonte, com a tarefa de levar as questões comunitárias dos estudantes prejudicados pela falta de incentivo e recursos.

Capítulo 3

Agda Maffei

Passamos uma sacola para arrecadar contribuições financeiras para a viagem do futuro representante. Que sucesso: dinheiro suficiente para ir de ônibus de Campinas a São Paulo, de São Paulo a Belo Horizonte, e então regressar.

Quem se candidata? Quem se sensibiliza com a causa?

Ninguém responde...

É claro que levantei a mão. Fui instituída delegada da PUC Campinas, representando a Psicologia no Congresso da UNE, em Belo Horizonte.

A movimentação foi grande. Recebi orientações sobre as barreiras (do pelotão de choque) que cercavam a cidade de Belo Horizonte, endereço e contato de uma família justificando a minha viagem, e o local de encontro no retorno, para divulgar as notícias dos movimentos nas outras Universidades.

Coloquei minha vestimenta social: botas e casaco de couro preto.

Chegando na rodoviária de São Paulo, comprei revistas de novelas em quadrinhos: perfeita jovem de família de classe social abastada e sem preocupações sociais, esse era o meu disfarce.

Ao andar pela Rodoviária de São Paulo logo encontrei dois estudantes da Psicologia que não faziam parte da delegação (constituída por uma pessoa: EU). Os dois vestidos com botas, sandálias e bolsas tiracolo de couro cru, o que na época representava uma identidade estudantil.

Entramos no ônibus rumo a Belo Horizonte e na primeira barreira com vistoria feita pela polícia militar um dos dois estudantes ficou retido. Logo na segunda barreira, fica retida a segunda estudante da dupla que encontrei na rodoviária. Em uma época na qual telefone era orelhão, sem celular ou conexão via internet, ao chegar no destino proposto pela assembleia, identifiquei que as pessoas comungavam do mesmo objetivo.

Capítulo 3

Agda Maffei

Com olhar cuidadoso, pouca bagagem e em silêncio, caminhamos da rodoviária em direção ao local onde já havia uma concentração de estudantes aguardando a chegada de todos os representantes. Nesse trajeto surge um rapaz dizendo: “Se espalhem! Entrem em um bar! O armamento é pesado, muitos cães, cassetetes, tudo para dispersar. Não tentem se aproximar!”

De bar em bar, passamos o dia e a noite. A notícia era que muitos estudantes barrados ou que tiveram enfrentamento corporal estavam sumidos. Em São Paulo, Dom Evaristo Arms nos aguardava para receber a identificação dos desaparecidos e nos ajudar a encontrá-los.

Com a dispersão e as ameaças aos estudantes, não houve o Congresso da UNE, mas sim uma movimentação de estudantes de Universidades do Brasil todo, construindo uma identidade colaborativa com ações sociais de causas que muitas vezes não nos representam, mas nos sensibilizam.

Na volta para São Paulo depois de dois dias sem comer e sem tomar banho, fui apresentada por estudantes de São Paulo a Dom Evaristo Arms. Que pessoa encantadora, um “Paizão”. Nos acalmou e pediu que cada um voltasse para sua Universidade, levando as notícias de como foi a experiência de lidar com tanta violência em um momento de repressão e ditadura .

Ao voltar para Campinas iniciei um trabalho de reflexão sobre a comunicação e linguagem nas relações, estudei Lacan e li Virgínia Satir.

Hoje posso dizer que, assim como em 1977, também me senti sensibilizada. Levantei a mão quando, em março de 2020 , faltando três meses para o término da gestão 2018-2020, nos deparamos com a pandemia, o isolamento, a COVID19. Como representante de uma associação que tem como um dos fundamentos levar a terapia familiar para onde ela mais precisa, não tive dúvida.

Capítulo 3

Agda Maffei

Com a melhor roupa que tenho, a de terapeuta familiar e psicodramatista, convoquei os associados para a construção de uma rede de atendimento. Assim nasce o PROJETO AMPARO. Com a proposta de um atendimento emergencial às famílias em isolamento, enlutadas e preocupadas com o futuro, temendo ser contaminadas, assim como todos nós.

No PROJETO AMPARO se disponibilizaram, de imediato, cinquenta profissionais associados, para atender de forma virtual. A lista de espera para o atendimento emergencial foi imediatamente formada por pessoas do estado de São Paulo e de todos os estados do Brasil.

Ultrapassou as fronteiras, com o pedido de atendimento daqueles que residem fora do país, que também tiveram a informação da disponibilidade da APTF em acolher o sofrimento de uma população em situação de crise.

As dificuldades não param por aí. O novo, o desconhecido, se apresenta em junho de 2020, com a sucessão para uma gestão totalmente online.

A eleição, as assembléias, as reuniões online, não tinham um modelo, referência ou aparato legal já existente. A gestão 2020-2022, com coragem, cumpriu com todos os requisitos necessários para o funcionamento de uma Associação sem fins lucrativos e do terceiro setor. Criou e construiu um novo momento com a quebra de paradigma e a experiência de um trabalho à distância.

Ao entregar os cargos para a gestão 2022-2025, pudemos festejar presencialmente, nos apresentando e comemorando a grande jornada de aprendizados e conquistas.

Termino esta carta com gratidão. Tenho esperança na continuidade que a gestão atual tem dado para esse ato de levantar a mão para a inclusão, isonomia e equidade, fundamentais na terapia familiar. Que a APTF mantenha suas mãos sempre levantadas para representar aqueles que não possuem um lugar de voz.

Com carinho,

Agda Maria Tuzino Leite Maffei

APTF 30 anos: Histórias & trajetórias
de 30 terapeutas familiares

Capítulo 4

Ana Lucia de
Moraes Horta



Membra Titular da Associação Paulista
de Terapia Familiar - APTF

Psicóloga, Enfermeira, Terapeuta Familiar, de Casal e
Comunitária. Psicodramatista e Terapeuta de EMDR (EMDRIA)

- Professora Titular da Universidade Federal de São Paulo do Departamento de Saúde Coletiva da *UNIFESP*
- Coordenadora do Curso de Especialização em Intervenção e Prática Sistêmica com Família - Terapia Familiar e de Casal
- Chefe do Departamento de Saúde Coletiva da *UNIFESP/EPE* (2018 - 2019)

Capítulo 4

Ana Lucia de Moraes Horta



UNIFESP – Intervenção
e prática sistêmica
com família – terapia
familiar e de casal.

A Associação Paulista de Terapia Familiar, desde sua criação, tem estado presente e ativa nas suas funções, promovendo apoio aos institutos formadores e possibilidades de encontros entre os terapeutas familiares do Estado de São Paulo, bem como participação nos Congressos Nacionais da área.

Acompanhei os trabalhos da Associação ainda como aspirante, quando estava em formação, e pude testemunhar o tanto que fizeram e tem feito pela Terapia Familiar.

Revendo um pouco o trabalho realizado, destaco, além dos eventos promovidos, a divulgação dos institutos de formação como também dos terapeutas familiares como também atendimentos sociais à população vulnerável.

Lembro de ter participado de vários encontros promovidos pela Associação e de conversas de proposta de possibilidade de trocas entre os membros. Recentemente, destaco conversas produtivas e frutíferas com a diretoria.

Capítulo 4

Ana Lucia de Moraes Horta

A leitura afinada sobre a realidade e necessidade dos terapeutas, feita pelas diretorias e suas equipes, tem até agora favorecido a construção de um grupo forte e ativo, atendendo cada vez mais os associados e comunidade.

Lembro-me da participação da Associação na comemoração dos 10 anos do curso que coordeno na UNIFESP, em 2017. E agradeço o destaque dado ao evento.

Desde então, várias foram as conversas e tentativas de aproximação da diretoria com nossa instituição, sempre com a proposição de inclusão, com encontros respeitosos e produtivos e participação das atividades.

Assim, só tenho boas recordações da APTF e acredito que muito possa ser feito dando continuidade as ações já realizadas. Acredito que nossa equipe de professores, estudantes e ex-estudantes estarão cada vez mais interessados e participativos nas propostas dessa Associação, pela representatividade que ela tem e pelos serviços que tem prestados.

Só tenho a agradecer e desejar que a APTF continue crescendo e propondo cada vez mais a integração dos terapeutas familiares e congregando-os no sentido de ampliar a visibilidade das ações e possibilidades de crescimento profissional.

APTF 30 anos: Histórias & trajetórias
de 30 terapeutas familiares

Capítulo 5

**Ana Maria
Fonseca Zampieri**



**Membra Titular da Associação Paulista
de Terapia Familiar - APTF**

**Psicóloga, Terapeuta Familiar,
Psicodramatista e Terapeuta de EMDR**

- Coordena cursos de pós graduação e é professora e supervisora em Psicodrama, Terapia Sexual e Terapia de Família
- Presidente de honra e diretora de Ciências e Assuntos Acadêmicos da Associação Brasileira de Programas de Ajuda Humanitária Psicológica – *ABRAPAHP*
- Coordenadora de projetos de prevenção de abuso sexual intrafamiliar, gravidez precoce e Aids

Capítulo 5

Ana Maria Fonseca Zampieri



Para a Associação
Paulista de Terapia
Familiar – 30 anos – 2023

Conheci a terapia familiar na Universidade de São Paulo, na década de 80, quando Maurício Andolfi veio da Itália e estava, naquela ocasião, construindo a terapia familiar de Roma. Nessa ocasião comecei meus primeiros estudos em terapia familiar no Centro de Estudos da Família – CEFAM, coordenado pela Dra. Fiorângela Desiderio. Era um curso inovador e pioneiro. O próprio Dr. Andolfi era o professor e supervisor junto com a Dra. Desidério.

Nos anos 90, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, iniciou sistematizadamente a formação de pós graduação lato sensu em terapia familiar, onde continuei meus estudos com a coordenação da Dra. Rosa Macedo, Dra. Mathilde Neder e a Dra Ceneide Cerveny.

Nessa ocasião, o José Carlos Vitor da editorial Psy, além de possuir uma editora que traduzia vários livros da terapia familiar, ele trouxe constantemente vários profissionais que estudávamos como: Jay Haley, Chloé Madanes, Paul Watzlawick, Tom Andersen, Michael White, Marília Baker, Virginia Satir, Lyn Hoffman, entre vários outros.

Fomos aprendendo e treinando, pois tínhamos na ocasião atendimentos a famílias com utilização da sala de espelho e com grupos de supervisão in vivo.

Capítulo 5

Ana Maria Fonseca Zampieri

Fiz mestrado, doutorado e pós-doutorado (PUC/SP; USAL/Ar), articulando a terapia familiar e a terapia de casais, com a sexologia e a contaminação do HIV/Aids por casais heterossexuais, ocasião em que estudamos vários padrões da infidelidade conjugal. Produzimos livros e artigos científicos nacionais e internacionais, frutos dessas pesquisas.

Lembro-me da primeira viagem que fizemos para Belo Horizonte, para os primeiros encontros para a construção das Associações da Terapia Familiar, e dos estatutos para a APTF. Tantos eventos, vários congressos, e neste 2023 a APTF comemora seus 30 anos e tem grande importância também na formação da ABRATEF.

A minha história de trabalhar com terapia familiar e comunidade tem longa data. Desde 1978, eu trabalhava com Psicodrama e com famílias, tendo sido meu principal formador na época, o Dr. Rojas Bermudez.

Relacionei a terapia familiar, com o Sociodrama e mais tarde, no mestrado, o Sociodrama Construtivista da AIDS com Famílias, com bases na terapia sistêmica, no pensamento complexo de Morin e formações com Humberto Maturana. Privilégio ter uma formação com tantos autores pioneiros na terapia familiar.

O Sociodrama Construtivista com a terapia familiar e a sexologia, desenvolveu-se na década de 90, na sistematização do Sociodrama Construtivista da AIDS em parceria com a Elton John Aids Foundation, que nos patrocinou por vários anos, com programas educativos em escolas públicas, com adolescentes, seus pais e seus professores.

Nesse trabalho, tivemos a parceria com a Associação Saúde da Família e o Rotary Club Butantã em São Paulo, com vários programas da área da saúde mental.

Capítulo 5

Ana Maria Fonseca Zampieri

Nestes anos pandêmicos 2021, 2022 e 2023 o Sociodrama Construtivista da Pandemia e o Programa de Ajuda Humanitária Psicológica – PAHP, foram a construção de uma nova maneira de trabalhar com as famílias online, e também, o desenvolvimento de cursos de aperfeiçoamento para profissionais da saúde mental da rede pública, de todo o Brasil, em parceria com algumas universidades, especialmente a Fundação Universitária Regional de Blumenau – FURB.

Estes cursos de aperfeiçoamento para profissionais de saúde mental possibilitam que profissionais da saúde mental trabalhassem, para essas questões de luto à distância, por Zoom, elaboramos vivências ligadas a rituais de luto, à terapia para casais com estresses na época do lockdown e todas famílias dentro de casa, crianças fazendo homeschool e os pais trabalhando online.

As experiências eróticas de casais e adolescentes iniciando suas vidas sexuais virtualmente tem sido outro tema.

Continuo trabalhando com as famílias e suas vivências com a questão da pandemia do coronavírus 19, os contágios, e aprendizagem de técnicas familiares de regulação de estresse.

Trabalhamos famílias de professores de escolas públicas, seus alunos e seus pais, Secretarias da Educação e da Saúde e com famílias afetadas por catástrofes atuais e suas violências múltiplas. Criamos o livro: Coragem, Resiliência e Esperança – Assistência Psicológica Humanitária Integrativa na Pandemia COVID-19 (no prelo), como registro histórico deste momento. No consultório clínico, continuo com terapias ligadas a várias temáticas, na docência com a formação de profissionais da área de saúde mental em parceria com várias ONGs.

Capítulo 5

Ana Maria Fonseca Zampieri

Nos estudos da Ecopsicologia e Ciberpsicologia com as famílias, temos trabalhado com violências digitais, com o fenômeno chamado *ghosting*, ligados ao excesso de contato nas redes sociais e exposição de nudes; o *orbiting* que são as órbitas que as violências sexuais das famílias atingem com os processos emocionais das famílias no fenômeno chamado *comming out*, em relação à transexualidade, bissexualidade e homossexualidade.

Desenvolvemos um processo de Assistência Psicológica Familiar com quatro sessões terapêuticas que vivem a revelação dos filhos, cônjuges e pais com orientações LGBTQIAPN+.

Reforço a importância da Terapia Familiar estar conectada a vários tipos de redes da educação e da saúde; a empresas públicas e privadas, e aos fenômenos modernos atuais, ligadas à Ecopsicologia, angústias ecológicas, a Ciberpsicologia e as violências digitais que ocorrem nas famílias.

No momento de pós pandemia ou COVID longa, é fundamental a transdisciplinariedade, trabalhar com neurologistas, infectologistas, e outros profissionais da área da saúde ligados a questão da pandemia COVID-19, e também com profissionais da área de inteligência artificial e tecnologia, para entendermos melhor as necessidades da saúde mental das famílias nestes momentos.

Sou co-criadora, com Paulo Zampieri e Ana Paula Zampieri, também terapeutas de famílias, da F&Z Assessoria e Desenvolvimento em Educação e Saúde Ltda, que desenvolve há quase 30 anos trabalhos com formação no campo da Terapia Familiar.

Reverencio meus mentores, colegas, alunos e nossa construção colaborativa com a saúde mental de nossas famílias.

APTF 30 anos: *Histórias & trajetórias
de 30 terapeutas familiares*

Capítulo 6

Angela Hiluey



Membra Titular da Associação Paulista de
Terapia Familiar - APTF e da ABRATEF

Psicóloga e Terapeuta de Casal e de Família

- Fundadora e Diretora do CEF- Centro de Estudos da Família Itupeva
- Membro efetiva da EFTA- Associação Europeia de Terapia Familiar
- Presidente da ABRAP- Associação Brasileira de Psicoterapia (2017-2021)

Capítulo 6

Angela Hiluey



Hora de comemorar os 30 anos da APTF- Associação Paulista de Terapia Familiar

Nessas 3 décadas as sucessivas diretorias da APTF, com muita dedicação, construíram uma história para dar sustentação a nós, terapeutas familiares. Meus agradecimentos a vocês por essa consistente e segura construção.

Nesse momento de celebração a APTF também dá a alguns de nós, terapeutas de família, a oportunidade de escrever a respeito de sua própria trajetória pessoal e profissional na Terapia Familiar, a partir de uma viagem no tempo para ter inspiração.

Completar 30 anos, seja de idade ou de filiação associativa como terapeuta familiar, favorece um borbulhar de lembranças, recordando nosso caminho percorrido.

Minha própria trajetória começou aos 15 anos de idade, na escola normal, quando decidi que seria psicóloga.

A escola normal era o curso que, naquela época, formava professoras/professores de crianças. Nessa época, frequentando a biblioteca, encontrei dois livros de psicologia que eu li para começar a conhecer esse campo.

Aos 17 anos comecei a lecionar. Meu objetivo era fomentar a aprendizagem em meus alunos. Para tanto era fundamental, a meu ver, perceber o funcionamento das crianças em sua totalidade, para poder fazer os planos de aula bem como para orientar os pais das crianças.

Capítulo 6

Angela Hiluey

Quando me graduei em psicologia, meus primeiros anos foram como psicóloga escolar, e essa experiência me levou a constatar que meus conhecimentos na psicanálise clássica não eram suficientes para compreender a interação entre crianças, professores e pais, a interação sempre ocupou a minha atenção.

Em decorrência, na década de 80 comecei a me dedicar a fazer curso de formação, a realizar grupos de pais, e a dar aulas em cursos de especialização.

O primeiro curso que fiz foi de Orientação de Pais. Dei-me, então, conta de que precisava estudar mais sobre desenvolvimento humano e sobre psicoterapia propriamente dita, na modalidade Terapia Familiar. Minha primeira formação foi como psicoterapeuta de crianças e adolescentes em psicoterapia psicanalítica.

Foi assim que na década de 90 começou o meu percurso pela terapia sistêmica tanto no Brasil como no exterior, onde fui estudar na Escola de Terapia Familiar da Universidade Autônoma de Barcelona/Espanha, com o Dr. Juan Luis Linares.

Minha experiência inicial como professora de crianças e adolescentes me permitiu estar desde muito cedo implicada em relacionamentos sobre os quais me cabia operar como profissional. Essa experiência me auxiliou a desenvolver a habilidade para pensar sistemicamente; para admitir com naturalidade a importância do trabalho sobre minha própria pessoa; a importância dos meus professores; e a importância de estudar continuamente.

Toda vez que paro para pensar percebo que esses fatores foram necessários para eu me perceber como psicoterapeuta de casal e família e mesmo como psicoterapeuta individual.

Somente após me formar como psicoterapeuta de casal e de família considerei ser a hora de ingressar no mestrado, no doutorado e no pós-doutorado.

Hoje, 24 de novembro de 2023, estive presente à inauguração de um espaço físico para o Centro de Saúde Mental num Hospital Psiquiátrico.

Capítulo 6

Angela Hiluey

O Centro de Estudos da Família Itupeva que dirijo possui um acordo de colaboração técnica com esse Centro de Saúde Mental.

Nessa inauguração, tive a oportunidade de escutar as estudantes de psicologia que recém-concluíram estágio nesse Hospital, relatando a significativa experiência que aí tiveram, enquanto mencionavam que suas experiências anteriores haviam sido somente de observação e não de interação e menos ainda de intervenção assessorada, como tiveram nesse estágio no Hospital.

Esse relato dessas estagiárias me inspirou a discorrer aqui sobre a minha trajetória profissional, focando o que considero ter sido realmente importante na minha história e na minha formação para que eu pudesse me referir a mim mesma como "eu sou uma psicoterapeuta de casal e de família".

Pensar sobre as minhas experiências vividas ao longo dos anos me permitiu visualizar que minhas experiências e decisões tomadas no campo profissional me permitiram ser a profissional que me tornei.

Tal visualização me levou a, com coração aberto, vir a dizer que um pensamento sistêmico complexo integrado não se constrói somente estudando os livros. Eu apreciaria contribuir com os/as novos/as psicoterapeutas lhes instigando a cuidarem de sua formação, aproximando-se da teoria sempre em associação com a prática, cuidando-se enquanto ser humano bem como discutindo sobre suas práticas, inicialmente com seus professores e supervisores.

Que sigam enquanto psicoterapeutas dialogando sobre suas considerações com supervisores e colegas pela vida afora. Assim se constrói um pensamento sistêmico complexo integrado e para tanto precisamos ter uma experiência que leve a tal construção o que pede muita dedicação, trabalho pessoal, estudo e prática pela vida afora.

Boa jornada a todos nós.

APTF 30 anos: *Histórias & trajetórias
de 30 terapeutas familiares*

Capítulo 7

Azair Terezinha Vicente



Membra Titular da Associação Paulista
de Terapia Familiar - APTF

Psiquiatra Clínica, Psicodramatista e Terapeuta Familiar

- Cofundadora do *Instituto Familiae*
- Membro do Conselho Editorial da *Revista Nova Perspectiva Sistêmica*
- Formadora de Terapia familiar sob a perspectiva construcionista social

Capítulo 7

Azair Terezinha Vicente

Ribeirão Preto,
Maio de 2023.



Senti-me muito honrada com o convite para participar desta comemoração pelos 30 anos da Associação Paulista de Terapia Familiar (APTF).

Pensei em várias situações que deixaram marcas importantes no meu percurso profissional e como membro da APTF. Porém, minha lembrança mais presente era o que narrarei a seguir.

Quando a APTF nasceu, o Instituto Familiaie já existia e participou da sua criação.

No Familiaie éramos inicialmente, seis: Azair Terezinha Vicente, Helena Maffei Cruz, Marília de Freitas Pereira, Neyde Bittencourt Araujo, Rose Riskallah Nahas e Vania Curi Yasbek, e algumas de nós tiveram uma participação ativa na construção da Associação.

Capítulo 7

Azair Terezinha Vicente

Isto aconteceu nos idos dos anos de 1993. Foi um tempo importante de investimento em uma instituição que nos legitimava e representava como terapeutas de família, casal e outras demandas de cuidados com as relações, não só junto à comunidade, mas também, entre os próprios profissionais, buscando uma integração afetiva e de interesses.

O Famíliae caminhava com todas nós imbuídas de muito entusiasmo pelos nossos projetos e com uma união construída em cima das nossas crenças como terapeutas, e pelo desenvolvimento de um forte vínculo afetivo que dava conta das nossas particularidades e diferenças.

Em 1994 perdi meu filho abruptamente por um quadro que nem chegou a ser diagnosticado. O carinho e solidariedade das minhas companheiras do Famíliae foi de uma importância sem dimensão, o que gerou meu sentimento de gratidão eterna.

Ainda dentro deste apoio e cuidado, quando propus a ideia de abirmos uma unidade em Ribeirão Preto, concordaram imediatamente. Esta decisão implicava que ao invés de eu ir semanalmente para São Paulo, algumas delas viriam para Ribeirão para darmos conta das exigências do curso e da construção da nova unidade do Instituto. Isto aconteceu em 1995.

No ano de 2000, a APTF tinha como presidente, Marilene Grandesso e como vice-presidente, Helena Maffei Cruz. Eu era a Coordenadora da Unidade do Famíliae em Ribeirão Preto e Articuladora da APTF na nossa região.

A equipe do Famíliae - São Paulo tinha crescido, sendo que algumas ex-alunas foram incluídas como docentes. Elas eram: Clélia Maria M. Maia, Eliana Maria Moreira, Maria Cecília Barbas, Naira I. Morgado, Roseli Righetti e Vera Denize Iran.

Capítulo 7

Azair Terezinha Vicente

Em Ribeirão já tínhamos estagiárias, ex-alunas da nossa primeira turma: Adriana Bellodi Costa César, Ana Cristina Nassif Soares, Célia Ferreira-Santos, Jussara Maria Simões Bovério, Rosângela Russo e Valéria De Senne Badaró.

E foi com esta Equipe que promovemos pela Associação Paulista de Terapia Familiar (APTF), e organizada pelo Famíliae-RP e algumas terapeutas da região, uma tarde de Conversações sobre o tema: Famílias Com Crianças Portadoras De Doenças Crônicas. O objetivo era oferecer diálogos úteis para estas famílias e os profissionais que as atendiam.

O evento ocorreu em 10/11/2000 e o público-alvo eram profissionais das áreas de saúde e educação, familiares e pessoas que de alguma forma estavam envolvidas com estas famílias.

Participaram como palestrantes: Marilene Grandesso, Helena Maffei Cruz, Marília de Freitas Pereira, Eliana Maria Moreira e Paula Ayub.

O evento foi um sucesso, o que nos gratificou a todos, deixando-nos entusiasmados para programar outros.

Quero parabenizar a todos que, de alguma forma, contribuíram para que a APTF chegasse aos 30 anos com saúde e uma história de trabalho e valorização das relações humanas, na busca da construção de um mundo melhor para todos.

Desejo que esta missão se cumpra através das novas gerações e que cuidem das relações afetivas, para darem conta das particularidades de cada um.

**APTF 30 anos: Histórias & trajetórias
de 30 terapeutas familiares**

Capítulo 8

Carla Guanaes-Lorenzi



**Membra da Associação Paulista de
Terapia Familiar - APTF**

Psicóloga e Terapeuta Familiar

- Docente do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (USP)
- Membra do Conselho Editorial Científico da revista *Nova perspectiva Sistêmica*
- Autora do livro *A construção da mudança na terapia de grupo: uma abordagem construcionista social*

Capítulo 8

Carla Guanaes- Lorenzi

Celebrações têm um poder especial de nos convidar a revisitar lembranças, encontros e memórias...



Ou, como diria Michael White, a lembrar. A APTF comemora 30 anos de histórias, desafios e conquistas. Há muito o que celebrar e também construir!

Quando a APTF nascia, em 1993, eu acabava de iniciar meu curso de graduação em Psicologia. Foi apenas dez anos mais tarde que a terapia familiar passou a fazer parte da minha vida. Iniciei em 2003 minha formação pelo Instituto Famíliae, na sede de Ribeirão Preto, que era coordenada pela médica psiquiatra Azair Terezinha Vicente.

A história que aprecio sobre a terapia familiar se mistura à imagem que tenho de nossa querida Azair, razão pela qual aproveito esta ocasião para prestar a ela uma homenagem.

Se Azair pudesse ser representada em um retrato, eu destacaria os traços de determinação, persistência, vontade e, porque não dizer, resistência aos muitos não impostos pela vida. O retrato tem cores vibrantes, mas delicadas.

Capítulo 8

Carla Guanaes- Lorenzi

Ao fitá-lo, sinto um convite amistoso para a pausa, para a surpresa e para o riso que só tem aqueles que sabem que junto se vai mais longe. Talvez o retrato encontrasse tradução na poesia de Cora Coralina:

*“Eu sou aquela mulher
a quem o tempo
muito ensinou.*

Ensinou a amar a vida.

Não desistir da luta.

Recomeçar na derrota.

Renunciar a palavras e

pensamentos negativos.

Acreditar nos valores humanos.

Ser otimista”

Azair sempre modelou o que ensinava: compromisso, presença, humor e uma curiosidade que parece ter a dose certa de provocação e acolhimento. Ouvi muitas histórias suas sobre os finais de semana incansáveis de trabalho na formação em Ribeirão Preto com a equipe do Familiaie/SP.

Era um trabalho afetivo, coletivo, nutrido pela forte amizade entre elas e pela enorme paixão por ensinar e aprender com quem chegava: clientes e alunos.

Quanto entusiasmo! Como terapeuta familiar em formação, eu frequentemente me perguntava: “Quando será que a gente sabe que já sabe o suficiente”? Para Azair e aquele grupo de mulheres, conhecimento nunca era suficiente!

Hoje entendo que o entusiasmo se alimenta mesmo é das relações que vamos tecendo cuidadosamente em nosso caminho de “ensinagem” – o que nos permite borrar os lugares de mestre e aprendiz. Lembro-me de quando Azair me disse com carinho: “eu acho que a gente já virou outra coisa!”. Como esquecer o dia em que nomeamos um sentimento tão profundo como a amizade?

Neste aniversário de 30 anos, desejo que a APFT possa ser um tanto como Azair, essa mulher a quem o tempo muito ensinou. Uma associação que ame a vida e que não desiste da luta.

Capítulo 8

Carla Guanaes- Lorenzi

A terapia familiar traz em sua origem a resistência a práticas individualistas então dominantes e o convite para compreendermos as pessoas em seus contextos e redes de relacionamento.

Pensar sistemicamente e, depois, linguisticamente, trouxe para o campo da terapia familiar provocações que desestabilizavam aquilo que já era conhecido. Foi preciso coragem para romper com as fronteiras disciplinares e afirmar a importância de se resistir às normalizações sobre pessoas, problemas e famílias.

A terapia familiar se fortaleceu e abraçou a pluralidade dos diferentes modos de existir. Passou a buscar soluções e alternativas nas frestas que habitam as conversas sobre problemas e déficits.

Palavras como curiosidade, irreverência, construção, incerteza, não-saber, diversidade se enraizaram, criando um vocabulário fértil para o cultivo da esperança e construção de futuros.

Foram tantos os questionamentos feitos, que a própria terapia familiar se pôs em xeque, problematizando suas definições centrais – terapia e família. Muita segurança e coragem residem em um campo interdisciplinar capaz de se questionar tão profundamente!

Considero um privilégio fazer parte de um campo de estudos tão dinâmico e criativo, que tem tanto a contribuir para a vida em comunidade. O tempo passa, os desafios mudam e, assim, vamos seguindo em nossa busca por produzir respostas para as questões do nosso tempo.

Desejo que a APTF possa continuar a emprestar sua voz institucional para apoiar persistentemente práticas pautadas em um forte senso de justiça e respeito às diferentes formas de ser e viver em família.

Parabéns à APTF pelo caminho já trilhado!

Parabéns a atual Diretoria por seu compromisso e por fazer dessa uma data memorável!

**APTF 30 anos: Histórias & trajetórias
de 30 terapeutas familiares**

Capítulo 9

Ceneide Cervený



**Membra Titular da Associação Paulista
de Terapia Familiar - APTF**

Psicóloga e Terapeuta Familiar

- Docente assistente doutora da *Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)*
- Coordenadora Pedagógica do Curso em Intervenção Familiar: Psicoterapia e Orientação Sistêmicas da *FAMERP*
- Vice Coordenadora do Curso de Intervenção Familiar: Psicoterapia e Orientação da *UNITAU*

Capítulo 9

Ceneide Cerveney

Agradeço o convite da APTF!



Participo como sócia desde sua fundação em 2 de junho de 1993 e tenho acompanhado seu trabalho de representar a Terapia Familiar no Estado de São Paulo.

Estive mais presente na Fase de Aquisição, quando foram criados os estatutos, a linha de atuação e acompanhei a Fase Adolescente com todas as suas características.

A APTF entra agora na sua Fase Madura, aquela em que a família cresce com a chegada dos agregados e suas famílias e os netos.

Meu desejo é que novos associados, aqueles que estão entrando na área de atendimento clínico de casais e famílias, continuem cuidando da nossa APTF na sua Fase Madura e que ela seja muito rica, expansiva e duradoura!

Feliz Aniversário!

**APTF 30 anos: Histórias & trajetórias
de 30 terapeutas familiares**

Capítulo 10

Eliete Belfort Mattos



Membra Titular da APTF, Presidente da APTF (2002-2004); Presidente e Coordenadora Geral do CDC da ABRATEF (2002/2004)

Psicóloga e Terapeuta Familiar

- Sócia Fundadora da *ABRAP*-Associação Brasileira de Psicoterapia;
- Sócia Fundadora, Vice-Presidente e Formadora do *Instituto Sistemas Humanos*
- Membra atual do Conselho Deliberativo e Científico da *ABRATEF*

Capítulo 10

Eliete Belfort



Como fico feliz ao ver a APTF fazendo história!

Agradeço o convite da Diretoria para compartilharmos experiências e contar do meu carinho pela APTF.

O meu trabalho com famílias começou em 1976 quando entrei para o Instituto da Criança do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP.

Na busca de conteúdo que embasasse o trabalho encontrei autores internacionais, terapeutas de casal e família que me alimentaram com seus saberes.

Os cursos de especialização começaram a surgir nas Universidades, onde cheguei a dar aulas por alguns anos, na PUC-SP como professora convidada e em Institutos Formadores.

Acrescentando a essas experiências atender famílias e casais, em consultório, me aproximava de colegas que atuavam nesta área.

Assim fiz minha escolha: ser terapeuta de família e casal. Tinha uma ideia que não seria fácil, mas me deparei com o quão mais difícil era. Porém aqui estou!

O momento era propício para o campo da terapia familiar o que ficou notório quando reuniram-se colegas de todo Brasil e aconteceu o I Congresso Brasileiro de Terapia Familiar em São Paulo e a criação da APTF - Associação de Terapia Familiar de São Paulo em 02 de junho de 1993.

Capítulo 10

Eliete Belfort

A APTF marcou presença congregando os profissionais das várias áreas do conhecimento promovendo encontros enriquecedores de estudo e prática. Na terceira gestão, participei da diretoria e de lá até agora a APTF faz parte do meu percurso profissional.

No ano de 2000, como sócia-fundadora do Instituto Sistemas Humanos, a convite de Sandra Fedullo Colombo, retomei o lugar de formadora, interlocutora clínica e convívio em equipe.

Colaborando em outras gestões, comissões e presença atuante na área da família fui incentivada a me candidatar à presidência da APTF.

Em 2002 fui eleita presidente! Aqui se deu um dos momentos mais felizes de minha carreira. Com uma diretoria composta por profissionais competentes e comprometidos demos continuidade aos programas, ampliamos o número de associados, presença em Congressos, Jornadas em todo estado de São Paulo e outros estados, bem como parcerias institucionais e trabalho social.

Meu encontro com a APTF, foi e continua sendo muito fértil.

Lugar de grande responsabilidade onde tive o apoio dos associados, o incentivo de meus pares, amigos e familiares.

Com a APTF veio a ABRATEF – Associação Brasileira de Terapia Familiar, onde sou membro titular, fui coordenadora do Conselho Deliberativo e Científico por duas gestões e hoje Conselheira Emérita. Na presidência da APTF fui convidada e me tornei co-fundadora da ABRAP - Associação Brasileira de Psicoterapia.

Honrada com o convite quero agradecer àqueles que como eu, estiveram e estão caminhando com a APTF e espero que nos encontremos, colaborando e compartilhando experiências.

Desejo que a APTF dê continuidade ao trabalho que iniciou há 30 anos, sendo inovadora, um lugar de pertencimento aos profissionais da terapia de família e casal, acompanhe as mudanças necessárias para o desenvolvimento da terapia familiar.

Contem comigo!

Parabéns APTF e à Diretoria pela comemoração!

APTF 30 anos: *Histórias & trajetórias
de 30 terapeutas familiares*

Capítulo 11

Elizabeth Polity



Presidente da APTF (2004-2006) e
Coordenadora do CDC/ABRATEF
(2006-2008)

Psicopedagoga e Terapeuta Familiar

- Diretora do Colégio Winnicott; Coordenadora e docente do CEOAFE
- Especialista em Neuropsicologia do Desenvolvimento
- Autora de diversas obras na área da Educação e Terapia Familiar

Capítulo 11

Elizabeth Polity

Resgatando algumas memórias



Foi com alegria e surpresa que recebi o convite da diretoria da APTF/2022- 2025 para trazer uma lembrança de alguns dos momentos vividos dentro desta querida associação.

Minha experiência inicial se deu como tesoureira na gestão de Marilene Grandesso. Em seguida, também tesoureira na gestão de Eliete Belfort e na seguinte, vice-presidente de Sandra Fedullo na ABRATEF, assumindo então nessa mesma gestão, a presidência da APTF no BIÊNIO 2002 - 2004.

Durante esse período estive também no CDC como membro integrante em três gestões, e como coordenadora em 2006. Atualmente sou Conselheira Emérita do CDC, o que me permite estar próxima de colegas queridas.

Foi bastante desafiador eleger um único momento para compartilhar, tendo em vista que foram tantas situações emocionantes, felizes, de cooperação e amizade que permearam esses anos. Foram também de muita aprendizagem, de desenvolvimento e de crescimento profissional e relacional.

Capítulo 11

Elizabeth Polity

Fiz muitos amigos verdadeiros, que me acompanham até hoje. Ampliamos nossa convivência para o âmbito social e as respectivas famílias-cônjuges e filhos – que passaram a fazer parte desta rede.

Viajamos juntos, organizamos eventos, congressos, simpósios e depois de muito sofrer na expectativa que tudo corresse bem, saímos felizes para comemorar as conquistas. *Uma grande família!*

Mas, sem fugir ao pedido que motivou essa escrita, depois de muito pensar, elegi um episódio que teve um significado muito intenso e importante para mim e minha família.

No ano de 1998, quando Marilene Grandesso era presidente (Helena Maffei, vice; Rosana Galina – 1ª secretária; Suzana Levi – 2ª secretária; eu – tesoureira; suplentes: Zelia Temin e Malvina Trajber) trouxemos para o Brasil, Charles Waldgrave, Taimalie Kiwi Tamasese e Warihi Campbel fundadores do Just Therapy Family Centre, vindos da Nova Zelândia, para um evento de três dias organizado pela APTF.

Segundo Waldgrave (1990), “a Just Therapy foi desenvolvida no Centro de Família em Wellington, Nova Zelândia, para libertar tanto a prática quanto a definição de terapia de seus limites modernos, culturais de classe e de gênero”. Nada poderia conversar melhor com nossa visão da Terapia Familiar naquele momento!

Waldgrave representava a comunidade inglesa da Nova Zelândia, enquanto Kiwi trazia um conhecimento da cultura proveniente das ilhas da Polinésia e Warihi era considerado um *Kaumâtua*, que significava um respeitado ancião tribal das comunidades Maôri.

Culturas diferentes, visões de mundo baseadas em realidades distintas e de todos com uma vasta experiência no trato com grupos e famílias.

Os momentos que precederam o evento foram de muita apreensão uma vez que as despesas para os trazer era bastante alta e até uma semana antes não tínhamos o número suficiente de inscritos.

Capítulo 11

Elizabeth Polity

Decidimos também organizar alguns momentos sociais durante o evento para que eles pudessem conhecer um pouco de nossa realidade. Uma dessas ocasiões foi um jantar que os recebi em minha casa juntamente com toda a diretoria e seus respectivos cônjuges.

Alguns instantes antes de servimos o jantar, eles pediram para fazer um ritual de agradecimento.

Pediram que nos levantássemos, fizéssemos uma roda de mãos dadas e eles então cantaram um mantra de agradecimento evocando seus ancestrais e os espíritos que protegem as famílias. As músicas e todo o gestual fizeram desse momento algo muito especial e rico que nos impressionou deixando marcas inesquecíveis.

O evento foi um tremendo sucesso. Quem viu e ouviu Waldgrave, Kiwi e Warihi não se esquece da metáfora do avião sobrevoando uma praia, para mostrar as diferentes perspectivas de uma cena.

Finalizamos com muita alegria e música ao som dos meninos e meninas do *Projeto Tesourinha*, uma ala da bateria da escola de samba “Mocidade Alegre”, que fez com que os participantes entrassem no ritmo e que pudéssemos mostrar para os visitantes um pouco de nossa cultura e um de nossos projetos sociais.

Depois de 25 anos ainda lembro com saudades desses momentos. Meus filhos, pequenos à época, até hoje se recordam com alegria desse encontro. Há poucos meses recuperei o vídeo que foi gravado pelo meu marido, transferindo para uma mídia mais moderna. Ricos registros que jamais serão apagados de nossa memória.

Obrigada APTF por me permitir recordar momentos tão significativos!

APTF 30 anos: *Histórias & trajetórias
de 30 terapeutas familiares*

Capítulo 12

Emerson Rasera



Psicólogo e Terapeuta Comunitário

- Professor Titular da Universidade Federal de Uberlândia
- Ex-presidente da Associação Brasileira de Psicologia Social e membro do Taos Institute (EUA)
- Membro do Corpo Editorial e Revisor de vários periódicos de Psicologia

Capítulo 12

Emerson Rasera

Terapia Familiar e crise política: o que nós temos a ver com isso?



Era 27 de julho de 2019, num auditório do Mackenzie, em São Paulo. Friozinho lá fora, a sala lotada. Estava ocorrendo a X Jornada da APTF. Eu tinha sido convidado para participar da plenária “Terapia Familiar e os Desafios da Sociedade Atual”.

Era o primeiro ano do mandato do novo presidente do Brasil, após uma campanha eleitoral desafiadora e um contexto político violento. Meu objetivo era convidar a uma reflexão sobre a sensibilidade política na/da Terapia Familiar, bem como, a dos terapeutas familiares.

Por um lado, estava feliz com essa abertura e interesse da Comissão Científica da Jornada. Por outro, sabia que poderia ser delicado explorar esse tema em um momento em que falar sobre política tinha se transformado em um ato delicado e, por vezes, ameaçador. Sentia que precisava ter coragem.

Chegada a minha vez de apresentar, inicio com algumas contribuições de Tom Andersen (2002) sobre a escuta e a reflexão, convidando a uma postura de abertura, respeito e colaboração.

Capítulo 12

Emerson Rasera

Da mesma forma, apresento um pequeno livro, "A política explicada aos nossos filhos" (d'Allones, 2018), buscando conectar os participantes com suas experiências familiares e convidando-os a refletir: Quantas famílias conhecemos em que as avós conversam sobre política com suas netas, crianças e adolescentes. O que ocorreria se tivéssemos mais dessas conversas?

Após essa breve introdução, apresento um questionamento institucional para todas as associações de terapia familiar. Eu relembro aos presentes o "Manifesto dos Psicanalistas Brasileiros pela Democracia", publicado no ano anterior, em plena campanha eleitoral presidencial.

Brinco que naquele dia eu queria ser psicanalista. E logo em seguida, pergunto: Nossas associações também se manifestaram publicamente? Como foi isso? E avanço mais um pouco questionando se o "Documento Mínimo Norteador para Cursos de Formação" contemplava questões como direitos humanos, democracia, e diversidade cultural.

Era um convite a pensar que Terapia Familiar estava sendo produzida em nosso país. Alguns sussurros provocam uma leve agitação na sala.

Discuto, então, a crise política e social no Brasil, o desmonte das políticas de direitos humanos e sociais, de participação social, de atenção às populações vulnerabilizadas, das definições de família nas políticas públicas e, conseqüentemente, a tensão social nos diferentes contextos. Frente a essa crise, pergunto sobre o papel dos terapeutas familiares: Por que muitos profissionais não se envolvem diretamente na vida política da sociedade em que eles vivem?

Reconheço algumas dicotomias paralisantes nesse campo, tais como, aquelas que afirmam a distinção entre Psicologia Clínica e Psicologia Social, vida profissional e vida pessoal, neutralidade e compromisso social, obstaculizando, muitas vezes, um discurso da Terapia Familiar como potência de transformação social.

Capítulo 12

Emerson Rasera

Retomo, ainda, os riscos de uma ideologia da harmonia, muitas vezes presente no campo da clínica, que desconsidera as relações de poder e oculta o uso do diálogo como ferramenta para apaziguamento das desigualdades e manutenção do status quo (Nader, 1990).

E alerto para o paradoxo da tolerância apontado por Karl Popper, segundo o qual, “Tolerância ilimitada leva ao desaparecimento da tolerância.(...). Devemos, então, nos reservar, em nome da tolerância, o direito de não tolerar o intolerante”. (Popper, 1987, p. 289). As pessoas me olham com atenção.

Legitimar os desafios e os riscos é fundamental para que possamos imaginar como construir uma sociedade colaborativa, dialógica e democrática. Relembro aos participantes como as ideias de ‘responsabilidade social’ e “política das práticas relacionais” podem ser úteis nesse processo de imaginação e criação pois, por um lado, afirmam que somos corresponsáveis pela sociedade em que estamos inseridos (McNamee & Gergen, 1999) e, por outro, apontam que a ação política deve ser difusa, envolvendo a todos, em diferentes momentos, e desarmada, ou seja, menos agressiva e alienante (Gergen, 1999).

Ao finalizar minha apresentação, destaco a importância de pensarmos o terapeuta como ativista social. Apesar dessa ideia ser pouco difundida no Brasil, terapeutas em diferentes lugares do mundo têm investido nessa perspectiva.

Assim, retomo a experiência do “The Privilege Project” (Raheim, et al. 2004) que ajuda os terapeutas a identificarem seus privilégios sociais e pensarem a atuação clínica. Apresento desdobramentos recentes do “Diálogo aberto” (von Peter S, et al, 2019), pensado como uma abordagem em saúde mental alinhada aos direitos humanos.

Resgato a história do Projeto de Conversações Públicas (Becker, et al., 1999), criado por terapeutas familiares para trabalhar em contextos polarizados com metodologias influenciadas pelas teorias da Terapia Familiar. E conto como o grupo que propôs a “Terapia social” (Holzman & Mendez, 2003) possui uma atuação política organizada no contexto dos Estados Unidos.

Capítulo 12

Emerson Rasera

A sala parece tentar digerir as palavras. Sinto haver um misto de novidade e de cansaço. No momento do debate, algumas falas retomam os obstáculos e compartilham as angústias como cidadãos e terapeutas. Após a plenária, ouço comentários sobre o desconforto do tema, sua pertinência ao evento, e os desafios vindouros. Outras se empolgam com uma possível manifestação pública sobre o tema. Vou embora com a sensação que era apenas o início de uma conversa que precisava continuar.

Nesse momento de celebrar os 30 anos da APTF, resgato essas memórias que interseccionam a minha trajetória e a da Associação.

Memórias que reafirmam meus desejos para a Associação: de uma organização que sustente os diálogos sobre política e que tenha uma atuação comprometida com a justiça, a equidade e a democracia na sociedade brasileira.

Referências

Andersen, T. (2002). Processos reflexivos (R. M. Bergallo, Trad., 2ª ed.). Rio de Janeiro: Instituto NOOS.

D'Allones, M. R. (2018). A política explicada aos nossos filhos. São Paulo: Editora UNESP.

Nader, L. (1990). Harmony Ideology. Stanford: Stanford University Press.

Popper, K. R. (1987). A sociedade aberta e seus inimigos. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP.

Mcnamee, S. & Gergen, K. J. (Ed.) (1999). Relational Responsibility: resources for sustainable dialogue. London: Sage.

Gergen, K. J. (1999). Social Construction and the Transformation of Identity Politics. Em: F. Newman and L. Holzman (Eds.) (1999) End of knowing: A new developmental way of learning. New York: Routledge.

Raheim, S. et al. (2004). An invitation to narrative practitioners to address privilege and dominance. Disponível em <https://dulwichcentre.com.au/a-continuing-invitation-to-narrative-practitioners-to-address-privilege-and-dominance/>

von Peter S. et al (2019) Open Dialogue as a Human Rights-Aligned Approach. Front. Psychiatry 10:387. doi: 10.3389/fpsy.2019.00387

Becker, C. et al. (1999). Do debate estagnado a uma nova conversação sobre questões controversas: um relato do Projeto de Conversação Pública. Em Schnitman, D. R. Novos Paradigmas em Mediação (p. 259-273). Porto Alegre: Artes Médicas Sul

Holzman, L. & Mendez, R. (2003). Psychological Investigations: a clinician's guide to social therapy. New York: Brunner-Routledge.

APTF 30 anos: *Histórias & trajetórias
de 30 terapeutas familiares*

Capítulo 13

Gilda Montoro



Membra fundadora e presidente da
Associação Paulista de Terapia Familiar -
APTF (2006-2008)

Psicóloga e Terapeuta Familiar

- Diretora presidente no Centro de Estudos e Assistência à Família - CEAF
- Analista junguiana pela SBPA-SP e International Association for Analytical Psychology
- Autora do livro "Laços Amorosos" Terapia de casal e psicodrama

Capítulo 13

Gilda Montoro

Uma família que nunca esquecerei.



O caso que vou contar aconteceu no início dos anos 90.

Já naquele período eu trabalhava em Psicoterapia de adulto, casal e família usando de maneira integrada várias Teorias e Técnicas que vinha estudando desde meu mestrado nos EUA.

Brinco que sou um cachorro vira lata, mestiça de várias teorias, usadas para compreender e intervir nas situações clínicas com as quais me deparo nesses 50 anos de prática em psicoterapia.

Nessa época, uma colega, que fazia testagem e parecer psicológico, me encaminhou um caso de um menino de 6 anos que, segundo ela, teria um diagnóstico grave de psicose infantil - portanto os pais, desesperados, precisavam de uma orientação de como lidar com a criança. O atendimento começou no meio do ano.

Nas primeiras entrevistas com os pais, percebi os dois como muito preocupados e comprometidos com a melhora do filho.

Capítulo 13

Gilda Montoro

Pai e mãe eram profissionais liberais ativos e de muito sucesso, que até então entregavam os cuidados diários dos dois filhos a babás.

Ambos bem-intencionados, amorosos e absolutamente desorientados sobre como proceder para ajudar seu filho menor, que apresentava comportamentos bizarros, na escola vagava de um lado para outro, não se relacionava com os colegas, não estava conseguindo ser alfabetizado, já se estava prevendo uma repetição. O mais velho, com 9 anos, não apresentava problemas. A mãe havia parado de trabalhar recentemente para se dedicar aos cuidados do filho com grave diagnóstico.

Devo ter feito umas duas entrevistas com os pais antes de receber a criança numa sessão conjunta. Nessas primeiras entrevistas, o casal relatou que embora o filho mais velho fosse uma criança exemplar, o menor tinha sofrido algumas adversidades desde o nascimento. Entre elas, várias mudanças de babás e uma ou duas cuidadoras que o haviam maltratado, ainda quando bem pequeno. Esse relato me fez prever a existência de um Padrão de Apego inseguro.

Na primeira sessão da criança com os pais, percebi que o menino tinha comportamentos bizarros e incomuns.

Se aproximava dos pais andando de costas. Tinha vários comportamentos estranhos e repetitivos que hoje seriam classificados no Espectro Autista - nessas horas os pais riam de nervoso.

Pude perceber de saída que a criança tinha um Padrão de Apego Desorganizado, que precisava ser urgentemente compreendido e cuidado num trabalho com os pais, antes de considerar qualquer assunto ligado à suposta “psicose”.

Padrão de Apego Desorganizado é um conceito estudado por Mary Main, uma das principais pesquisadoras da Teoria do Apego, criada e desenvolvida por John Bowlby, Mary Ainsworth e seguidores.

Significa a falta de uma estratégia coerente e organizada na busca de proximidade e segurança com a(s) figura(s) de Apego.

Capítulo 13

Gilda Montoro

Frente a situações de insegurança, medo e ansiedade, a criança demonstra conflito entre aproximação e distanciamento da figura de apego, comportamentos incompatíveis, irrelevantes, estereotipados e bizarros, desorientação, confusão e, por vezes, medo da figura de apego. Essa classificação de Apego aparece com alta frequência (até 85%) em amostras de crianças que sofreram maus tratos.

Comecei a trabalhar com os pais – especialmente a mãe, que se dispunha no momento a ser mãe tempo integral – algumas atitudes que favorecessem uma mudança no sentido de um padrão de apego seguro.

Ao contrário de muitos pais cujos filhos desenvolvem Apego Desorganizado, esse casal logo entendeu os procedimentos, demonstrando sensibilidade e empenho.

1) Estar disponível para o filho o máximo possível, especialmente em momentos de choro, insegurança, situações novas e potencialmente desafiadoras. Minimizar a importância da babá.

2) Brincar com o filho em brincadeiras despreziosas, se possível algumas de jogo dramático.

3) Não rir quando a criança demonstrasse comportamentos bizarros, repetitivos, incoerentes, mas sim se aproximar e tentar se engajar em alguma atividade afetiva (um abraço, pegar na mão) ou exploratória.

4) Dar atenção especial no momento de acordar (trocar de roupa, café da manhã) e dormir (histórias simples, canções).

5) Levar e ir buscar na escola.

6) Orientação à escola sobre as hipóteses sendo trabalhadas, com pedido de maior atenção por parte da professora.

Capítulo 13

Gilda Montoro

Os resultados do investimento numa relação de apego seguro foram miraculosos. Rapidamente os comportamentos bizarros e contraditórios foram desaparecendo e a criança começou progressivamente a se comunicar com os pais de maneira coerente.

Logo apareceram situações temidas e o menino aprendeu a pedir ajuda. O progresso foi tão rápido, que no fim do ano a escola reconsiderou a hipótese de repetição, porque ele estava começando a se alfabetizar.

No início do ano letivo seguinte ele rapidamente se integrou na vida escolar e no resto da vida demonstrou alto nível de inteligência e facilidade de aprendizagem. A TF prosseguiu por um ano. Após alta, os pais voltaram de tempos em tempos para alguns ciclos de TF quando algum assunto requeria atenção.

Uma vez, quando o menino tinha uns 10 anos, ficou por um tempo perdido em uma situação de férias, e quando foi encontrado estava absolutamente em pânico e desorganizado, o que sugeria a volta do padrão antigo numa situação muito estressante.

Sempre recomendei que seus problemas passados fossem conversados com ele, para que pudesse ter algum acesso a possíveis reações de pavor e desorganização que pudessem acontecer.

Esse caso eu nunca esqueci, e me ajudou a fortalecer a crença de que a principal função dos pais é a de serem figuras de apego disponíveis, sensíveis e amorosas.

Focar e fortalecer essa função em TF opera milagres.

**APTF 30 anos: Histórias & trajetórias
de 30 terapeutas familiares**

Capítulo 14

Helena Maffei Cruz



Sócia fundadora da Associação Paulista de Terapia Familiar – APTF (1993), Secretária da Diretoria (1996-1998) e Vice-Presidente (2000-2002).

Cientista Social, Psicóloga e Terapeuta Familiar

- Fundou a filial São Paulo do *Instituto Noos* (2015)
- Sócia fundadora, docente e supervisora do *Instituto FAMILIAE* (1991-2015)
- Editora associada da revista *Nova Perspectiva Sistêmica* desde 2006

Capítulo 14

Helena Maffei Cruz



A APTF nasceu para ser a responsável pela organização do primeiro Congresso Brasileiro de Terapia Familiar.

O grupo que estava organizando o evento tornou-se fundador da Associação Paulista e na assembleia final do congresso, os presentes se tornaram fundadores da Associação Brasileira de Terapia Familiar – ABRATEF. Como participante do grupo organizador e presente no congresso tornei-me fundadora de ambas as associações.

Desde o início da nossa associação estive presente no seu desenvolvimento. Fui secretária da segunda diretoria sob a presidência de Rosa Macedo e vice-presidente da quarta diretoria, sob a presidência de Marilene Grandesso, nos anos 2000 – 2001.

Mais tarde colaborei no Conselho Consultivo e participei ativamente de várias atividades.

No período em que fui vice-presidente de Marilene, a nossa querida Lene, sempre na linha de frente de novas abordagens, formatos e ampliações, participei e colaborei em atividades extremamente significativas para levar para a comunidade os valores e crenças teóricas que priorizam as relações que nos constituem, como o foco das atuações terapêuticas ou em atendimento à comunidade através de encontros colaborativos e dialógicos.

Capítulo 14

Helena Maffei Cruz

Considerando que nossa associação já tinha maturidade para ir além dos consultórios, nossa primeira atividade teve o nome de: QUEM FAZ O QUE, AONDE.

Convidamos todos os associados a mostrarem as atividades que individualmente ou em instituições fossem de atendimento à comunidade, através de cartazes que apresentaram descrevendo seu trabalho e 4 convidados com atividade relevante nessas áreas comentaram essas apresentações.

Foi uma manhã emocionante em que aprendemos com nossas/os colegas, e tivemos nossos trabalhos reconhecidos além das nossas fronteiras.

Nesse mesmo ano, Lene e eu fomos ao XII Congresso da Associação Internacional de Terapia Familiar – IFTA realizado em Oslo, Noruega.

Lá convidamos Tom Andersen para ir ao Brasil, quando fizesse sua viagem anual à Argentina, em outubro, quando pela parceria com Dora Schnitman e a Universidade de Buenos Aires dava aulas e workshops anualmente.

Tom já tinha outros compromissos em outros países e disse que não seria possível.

Insistimos um pouco e ele, que havia assistido à minha apresentação, em uma mesa redonda, do trabalho realizado por um grupo do FAMILIAE colaborando em oficinas oferecidas em um albergue visando a ressocialização de homens sem teto, perguntou para mim: - Você me leva para conhecer o albergue? Prontamente respondi – Sim. E assim pudemos oferecer aos associados um workshop muito especial.

Capítulo 14

Helena Maffei Cruz

Nesse mesmo Congresso conhecemos o grupo do Centro da Família da Nova Zelândia e suas práticas denominadas Just Therapy criado e dirigido por 3 terapeutas: um branco, descendente de ingleses, uma Samoana e um Maori, cuja objetivo é oferecer uma terapia que aborda adequadamente os contextos cultural, de diferença entre os sexos e socioeconômico, à população dessas 3 etnias com o cuidado de que a terapia não seja uma prática colonizadora.

Encantadas com a proposta e as práticas desenvolvidas por eles, nós os convidamos para um workshop no Brasil e em 2001 organizamos a primeira jornada da APTF com um dia de apresentação de trabalhos dos associados e dois de workshop com Charles Walddgrave e Kiwi Tamasese. 2000 foi um ano marcante no meu percurso como terapeuta familiar e de importantes passos para a APTF.

No ano do trigésimo aniversário da APTF continuo considerando de suma importância sua existência, dando legitimidade aos terapeutas familiares, prestando serviços à comunidade e colaborando com políticas públicas que protejam as famílias brasileiras e promovam a melhoria da saúde e educação da nossa população.

*Helena Maffei Cruz
Instituto Noos, São Paulo*

APTF 30 anos: *Histórias & trajetórias
de 30 terapeutas familiares*

Capítulo 15

Janice Rechulski



Membra Fundadora e Titular da
Associação Paulista de Terapia Familiar -
APTF

Psicóloga e Terapeuta de Casal e Família

- Co-fundadora dos *Sistemas Humanos* - Núcleo de Estudos e Prática Sistêmica: Família, Indivíduo, Grupo
- Professora e supervisora na *UNIP* (1979 à 2000)
- Professora Titular do curso de *Terapia Familiar dos Sistemas Humanos* (São Paulo e Sorocaba)

Capítulo 15

Janice Rechulski

Quero agradecer à diretoria da APTF por me convidar para estarmos juntos nesta celebração dos 30 anos



Hoje a APTF já tem história e tradição. Ela é um tecido que foi constituído por múltiplos fios de todas suas gestões (Sandra Fedullo Colombo, Marilene Grandesso, Rosa Macedo, Marilu Munhoz, Elizabeth Polity Mattos, Graziella Mofarrej) e associados. Assim, nos oferece um lugar de pertencimento, troca e reconhecimento do nosso pensar e fazer terapêutico.

Meu envolvimento com a APTF é antigo. Nossa relação é profícua e duradoura. Ao pensar que se passaram 30 anos e que eu estou nela desde seu início, me veio à mente Balzac, e a música de Milton, "Mulher de Trinta":

"Você mulher que já viveu
Que já sofreu
No meu olhar
É bom sonhar".

Contando um pouco mais de mim, no ano de 2000, a APTF estava almejando uma proposta de trabalho comunitário, tendo como foco a responsabilidade social e ética das relações.

Assim, surgiu o "Pró Comunidade", que nasceu pensando em expandir a atuação dos terapeutas de família, saindo do consultório privado e indo em loco (na comunidade).

Capítulo 15

Janice Rechulski

O enfoque seria desenvolver atividades que pudessem não só despertar as pessoas para reflexão de suas realidades, como também possibilitar que viessem a ter mais voz e o direito da palavra.

Assim nasceu a parceria da APTF com o setor social do Colégio Santa Cruz. Foi quando fui convidada por Zelia Temin e Cristiana Pereira para ser a interlocutora deste projeto que me trouxe muitos ensinamentos e convivências ricas.

Aprendizado de como estar junto com a comunidade, frente a um contexto de profundo desamparo e impotência.

Impotência e desamparo que perpassavam o sistema terapêutico - terapeutas e famílias. Como não nos paralisarmos diante de nossa impotência?

Essas vivências com os grupos de pais e crianças da Creche Vila Nova Jaguaré fortaleceram nossas crenças e, através de conversas colaborativas, pudemos juntos reconstruir o significado de existência e pertinência do ser.

Foi assim que nossas conversas foram se propagando. A horizontalidade dos sistemas possibilitou a inserção dos clientes, de suas memórias, de suas histórias e legitimou-as em seu saber, permitindo um maior desenvolvimento de seus recursos pessoais e principalmente, o da equipe terapêutica.

Agradeço, então, o meu pertencer à APTF que me legitima. Desejo vida longa com muitas realizações.

APTF 30 anos: Histórias & trajetórias
de 30 terapeutas familiares

Capítulo 16

Marcia Moreira Volponi



Membra Titular, Presidente (2012-2014) e
Vice-Presidente (2014-2018) da Associação
Paulista de Terapia Familiar - APTF

Assistente Social, Psicóloga, Terapeuta de Família e Casal

- Membra da Equipe *Instituto INTERFACI*
- Coautora da Obra "Conversas Colaborativas em Tempos de Fusão nos Negócios"
- Terapeuta Comunitária *PUC-SP*

Capítulo 16

Marcia Moreira Volponi



Caros amigos da APTF,

Como membro dessa Associação senti-me honrada ao ser convidada a participar do ebook imaginando os companheiros renomados a fazer parte dele celebrando o trigésimo ano de existência de nossa valiosa APTF.

Sou membro desde minha formação em Terapia Familiar pela PUC, mas como aluna de psicologia trabalhei no 1º Congresso da ABRATEF vivenciando a força dessa rede.

A APTF após minha formação foi a âncora para os próximos passos como profissional gerando confiança, parcerias, abertura de oportunidades pessoal e profissional nos muitos caminhos que ofereceu em seus diversos recursos de rede, projetos, eventos.

Como diz o ditado, "a união faz a força" e fazer parte de uma rede de conexão é realmente um caminho para o sucesso.

Capítulo 16

Marcia Moreira Volponi

São muitas as vivências e poderia ficar muito tempo descrevendo essas experiências pessoais, mas hoje a estrela, o centro dessa conversa é a Associação Paulista de Terapia Familiar e quero inspirar pessoas a querer fazer parte dessa rede e poder contar no futuro suas histórias.

Se filiar à uma associação é sempre um passo para o avanço da carreira, por gerar a interação entre profissionais que nos inspiram na obtenção de maiores conhecimentos, oportunidade de networking, participar de muitos eventos como ouvinte ou palestrante, certificações agregando valor curricular e no desempenho profissional enfim, é sem dúvida um canal de progressão de carreira.

A APTF, também com seus projetos sociais, nos leva a conhecer e desempenhar trabalhos em redes que, muitas vezes, não conhecemos e sequer pensamos em fazer parte e, que ao desempenharmos esses papéis, ampliamos nossos olhares para o humano distante, como as comunidades abertas ou fechadas, que estão além de nossos contextos de convivência ou de nossos consultórios.

Uma experiência valiosa para quem tem ou teve a oportunidade de vivenciar.

Quando dizemos dos associados, é preciso falar dos Institutos Formadores da grande São Paulo e do interior Paulista, que compõem a rede APTF e são os grandes responsáveis pelo sucesso da existência da Associação.

Além de congregarem alunos na formação em Terapia de Família Casal e Indivíduos, contribuem para o aprimoramento científico e técnico incentivando o estudo, a pesquisa e o intercâmbio de experiências.

Também promovem simpósios, workshops com temas de interesses aos vários associados das redes paralelas. Veja como ser membro da APTF é ter várias oportunidades de crescimento e relacionamentos a cada encontro que acontece.

Capítulo 16

Marcia Moreira Volponi

Quando pensamos que tudo isso é demais, somos agraciados com a porta imensa que se abre ao sabermos que a APTF é uma das regionais da Associação Brasileira de Terapia Familiar ABRATEF que conecta o associado com todo território Brasileiro e suas regionais.

Assim, ser associado APTF é ser membro da ABRATEF, é fazer parte dessa rede maior, frequentar os Congressos nacionais e todos os benefícios que isso vai agregar à carreira de cada profissional.

Mas hoje o centro de nossas atenções é a APTF e seus 30 anos valiosos de existência e as muitas atividades que vem desempenhando através de seus colaboradores nas várias gestões.

Uma das ações que congrega muitos associados de São Paulo e regiões é a Jornada que acontece a cada 2 anos e reúne em média 300 pessoas.

Capítulo 16

Marcia Moreira Volponi

É um evento criteriosamente organizado, com comissão científica para análise e direcionamento de trabalhos aceitos para serem apresentados, comissão para a organização do evento que geralmente fica a critério da diretoria gestora do biênio, enfim, muito trabalho para o sucesso, apreciação e satisfação dos associados.

A Jornada tem como base a cidade de São Paulo, mas tivemos em 2012, uma experiência na cidade de Sorocaba, sediada pelo Instituto Sistemas Humanos, e com sucesso. É um evento muito esperado por todos, e em especial pelos gestores que almejam oferecer esse momento de convivência da rede, conhecimento e satisfação aos associados.

Além dessa empreitada, a APTF promove muitos eventos nacionais ou internacionais em cada gestão. São práticas sempre em benefício a nós, associados.

Quero acrescentar que, apesar dessas considerações, a caminhada da Associação Paulista de Terapia Familiar exige muito trabalho, investimento de tempo, ações e expectativas de colaboração de todos os envolvidos. O sucesso se deve a uma rede colaborativa com propósito de sucesso, com organização e investimento de energia e trabalho.

A APTF são os associados e a diretoria de cada biênio, que os representa e direciona o caminho. Sem a rede, nada acontece e, portanto, nós, os associados, precisamos pertencer como pagantes da anuidade e sermos ativos nos trabalhos, nas ações que a mantêm viva.

Como associada, tenho orgulho imenso em ser parte dessa rede.

Muito obrigada.

APTF 30 anos: *Histórias & trajetórias
de 30 terapeutas familiares*

Capítulo 17

Maria Gabriela
Mantaut Leifert



Membra Titular da Associação Paulista de
Terapia Familiar - APTF

Psicóloga e Terapeuta de Casal e Família,
Terapeuta Intercultural, Mediadora

- Coordenadora do Grupo de Mediação do *Instituto Noos*
- Professora da UNIFESP do curso de Especialização em Saúde Mental, Imigração e Interculturalidade
- Trabalha com as temáticas: família, imigração, aculturação e mediação

Capítulo 17

Maria Gabriela Leifert

Minha jornada na Terapia Familiar, o início de um novo começo.



Uma querida amiga, psicóloga, me apresentou a Terapia Familiar. Ela sugeriu que eu fizesse essa especialização pois sentia falta de bons profissionais, nesta área, ela atendia crianças, e muitas vezes precisava encaminhar as famílias para um processo terapêutico.

Iniciei minha formação no ano 2000, no Instituto de Terapia Familiar (ITF) e terminei no recém-criado Sistemas Humanos, com Sandra Fedullo Colombo e Janice Rechulsky sendo minhas únicas professoras durante os quatro anos da formação.

Devo dizer que haver tido estas duas mestras ao longo de meu percurso, foi um privilégio e que ajudou a formar a terapeuta que eu me tornei.

Não posso deixar de mencionar a contribuição de minha turma, composta por excelentes profissionais com muita experiência na área clínica.

Em meu primeiro ano da formação, fui procurada por uma família mexicana que passava por problemas graves com seu filho único adolescente.

Por se tratar de uma família que havia sofrido um deslocamento pela imigração, achei que poderia escolher atender inicialmente o grupo familiar, ao invés de optar por um atendimento individual.

Capítulo 17

Maria Gabriela Leifert

Decidi fazer o atendimento em espanhol, língua materna tanto da família quanto minha. Isto com certeza, foi algo decisivo para a boa construção do vínculo e para a condução do caso.

Na infância, vivi, com minha família de origem, um processo de imigração. Viemos da Argentina para cá na década de 1970, e eu não tive maiores dificuldades de adaptação, mas meu irmão mais velho, adolescente, sofreu bastante.

Portanto fazia sentido para mim, acolher inicialmente a família, e entender o sintoma do menino como algo que se aprofundou pelo deslocamento.

Acompanhei esta família até a volta deles ao país de origem, os dois primeiros anos foram de atendimentos muito intensos, o jovem foi encaminhado para atendimento individual e o casal permaneceu em tratamento familiar.

O processo de imigração deles durou sete anos, durante este período estivemos em contato.

Os problemas que os trouxeram para a terapia foram equacionados e a família recuperou seu equilíbrio, com um sentimento de muita gratidão.

Este caso foi apresentado em congressos e abriu as portas para o meu mestrado sobre Imigração, iniciado na USP, sob a orientação de Sylvia Dantas. Esse processo culminou com a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social, e me abriu o campo da imigração tanto para trabalhos na instituição (dentro da Universidade) como no âmbito do meu consultório.

Neste momento, São Paulo recebia muitas famílias que vinham como expatriadas, e por vezes apresentavam problemas na adaptação. Foram mais de 15 anos trabalhando com famílias hispânicas, em espanhol, compartilhando suas dores; suas tristezas e conquistas.

Construíamos juntos um espaço para falar sobre as dificuldades e de como cada um estava vivenciando as mudanças. As perdas eram nomeadas e trabalhadas, dando espaço para novas possibilidades mais positivas e integradoras.

Capítulo 17

Maria Gabriela Leifert

Assim, com um olhar apreciativo e inclusivo, nos conectávamos e íamos tecendo novas narrativas, as crianças e jovens se faziam ouvir em um ambiente seguro e o casal trabalhava as diferenças de motivações e posições frente a imigração.

Foram muitos artigos, congressos, trabalhos em empresas, enfim uma gama de desenvolvimentos pessoais que só puderam ser gestados pela iniciativa em iniciar a formação em Terapia Familiar. Até hoje tenho contato com esta primeira família, já que retornaram ao México alguns anos após o atendimento.

Hoje em dia ainda atendo algum paciente hispânico, mas muito menos do que naquela fase. Participo, com muito orgulho, de um grupo de professores na UNIFESP, como professora convidada do curso de Especialização em Psicologia Imigração e Cultura, liderado pela professora Sílvia Dantas; ministro a disciplina família e imigração.

O público deste curso de especialização é fundamentalmente de pessoas que trabalham nos equipamentos públicos com imigrantes e refugiados. Em, 2022 ganhamos a concorrência para confeccionarmos a cartilha sobre imigração para a ACNUR.

Após estas formações continuei minha jornada, e decidi fazer a especialização em Mediação de Conflitos, no Meditativa, e neste curso conheci pessoas incríveis com as quais me juntei para continuar os estudos em mediação. Organizamos, Roberto Costard e eu, workshops com a mediadora argentina Sílvia Vecchi. Estes tiveram bastante repercussão e promoveram aprendizado na área da mediação.

Formamos um grupo de estudos com Adriana Cunha Lima, e Roberto Costard e criamos o Núcleo de Mediação no Instituto Noos graças à acolhida de sua diretora do Noos, Helena Maffei, que se interessou pelo projeto e abriu espaço dentro da instituição.

Capítulo 17

Maria Gabriela Leifert

Ana Luisa Coutinho juntou-se a nós, os primeiros dois anos foram de muita experimentação, artigos, trabalhos em congressos, colocando em prática parte dos ensinamentos da formação em Práticas Generativas Dialógicas, que muito contribuíram para a consolidação e formação do grupo. Desde 2015 estou na coordenação do Núcleo, que deixarei agora no final de 2023, para dar lugar à nova geração de Mediadoras.

Por outro lado, os atendimentos em Família, nunca estiveram tão fortes. Atendo muitos casais e famílias com filhos jovens e adultos. Nunca parei de estudar e me desenvolver, o que faz que a prática clínica fique viva e permita fazer frente aos desafios que surgem a cada momento.

A formação em práticas colaborativo-dialógicas conduzida por Marilene Grandesso (Interfacci) proporcionou a minha aproximação com um grupo de trabalho maravilhoso que se transformou em grupo de referência para a vida.

A partir da imersão em investigação apreciativa com orientação de Maria Fernanda Teixeira, formamos um grupo de trabalho em I.A. chamado Sanga8, cujos membros são Graziella Jones Mofarrej, Valéria Nicolau Paschoal, Maria Luiza Carmona, Maria Fernanda Teixeira, Olga Joveleviths e eu. Gostaria de destacar que tivemos o privilégio de ser contratadas pela ONG Liga Solidária, para trabalhar o clima institucional. Foram dois anos de workshops, trabalhos de equipe, pesquisa de campo o que rendeu artigos em livros e revista.

Na pandemia produzimos com a Sanga8 um trabalho com jovens expatriados, preocupados com seus familiares aqui no Brasil. Foram sete workshops aos longos do ano de 2020, cujo objetivo foi dar sustentação emocional, escuta amorosa e um espaço de saúde a esses jovens que se encontravam longe de sua família de origem.

Lembrando Virginia Satir (1967), os pais são os arquitetos da família, eles nos guiam e nos apontam o caminho, lançando os alicerces para nosso desenvolvimento. Tive a sorte de ter tido pais suficientemente bons, que me validaram e apoiaram em minha caminhada.

Capítulo 17

Maria Gabriela Leifert

Uma formação sólida faz toda a diferença e foi reforçada pela qualidade dos vínculos estabelecidos com meus mestres. Agradecer os ensinamentos recebidos com humildade e gratidão se faz necessário nesta fase da jornada.

Quero inicialmente agradecer aos mestres do Colégio Rio Branco, que acolheram a mim e meus irmãos quando chegamos da Argentina e nos nutriram de um ambiente acolhedor validando nossa origem e nosso background.

Aos excelentes mestres do curso de Psicologia de Pontifícia Universidade Católica, que nos ensinaram o respeito pela profissão e a necessidade de nunca parar de se aprimorar, a Sandra e Janice como mestras na Formação em Terapia Familiar, a minha orientadora do mestrado, paciente e querida amiga Sylvia Dantas, a Marilene Grandesso, mestra das práticas colaborativas, a Aimee Grecco, Vania Yasbeck e Monica Burg minhas mestras na formação em Mediação de conflitos, a Dora Schnitman pela formação em Práticas Generativas Dialógicas, a Maria Fernanda Teixeira pela imersão em investigação apreciativa, a Gisela Castanho pela formação em Psicodrama Familiar e por ser minha supervisora nesta área.

Por fim, com muito carinho, um especial agradecimento a Helena Maffei nossa mestra no Instituto Noos, sempre pronta para nos ajudar, estimular e incentivar.

Ao escrever este relato me dou conta de todos os trabalhos produzidos, com diversos grupos de diferentes formações. Criatividade, ideias que não param de surgir, amor pelo que fazemos, famílias que nos inspiram, projetos realizados, são a mola propulsora para seguir em frente, diante das incertezas e sofrimento que vivenciamos em nosso cotidiano.

Transformar lugares de sombra em luz é um grande desafio para todos nós, mas para mim acima de tudo há um convite para entrar em contato com a crença em nossa capacidade criativa e espontaneidade.

Encerro este relato parabenizando a APTF por nos acolher, a todos nestes trinta anos. Tive o prazer de poder contribuir com a instituição participando da diretoria, como primeira secretária, em duas gestões 2014/2018 e 2018/2020. Ter uma instituição que nos legitima e dá suporte faz toda a diferença para construir uma prática profissional de qualidade, sólida e ética.

Parabéns, APTF 30 anos!

APTF 30 anos: *Histórias & trajetórias
de 30 terapeutas familiares*

Capítulo 18

Maria Luiza Dias Garcia



Membra titular e Presidente (2010-2012) da
Associação Paulista de Terapia Familiar - APTF e
Membra fundadora da ABRATEF

Psicóloga, Cientista Social e Terapeuta Familiar

- Docente em diversas universidades; autora de diversos artigos e livros publicados
- Docente do Instituto de Ensino *LAÇOS Psicologia*
- Experiência em Psicologia e Educação, Comunicação, Desenvolvimento Social e da Personalidade

Capítulo 18

Maria Luiza Dias Garcia



Queridos amigos
da APTF,

Solicitada a contar uma história marcante e inusitada dentro da minha trajetória na psicoterapia familiar, para a celebração dos 30 anos de existência da APTF, lembrei-me de um atendimento que realizei no início de minha trajetória nesta especialidade.

Tratava-se de um casal com duas filhas jovens, por volta de 18 e 20 anos. Eu fui procurada pelo marido, que estava preocupado com sua esposa, dependente do álcool.

Ela bebia diariamente e era encontrada alcoolizada.

O alcoolismo havia se agravado e o marido desejava trazê-la para tratamento.

Na primeira entrevista, eu disse ao cliente que eu imaginava que suas filhas pudessem estar sofrendo e combinamos que ele as convidaria a estarem presentes na segunda sessão. Passaram a vir para o atendimento, pai e filhas.

Fiz várias tentativas para integrar a protagonista do início do atendimento – a mãe –, porém ela nunca compareceu às sessões.

Capítulo 18

Maria Luiza Dias Garcia

Chegamos a falar brevemente ao telefone em duas ocasiões.

Ela ficava de pensar sobre a possibilidade de vir participar de nossas conversas, mas não tomava o rumo do consultório nos nossos horários. Essa mãe alcoolista, contudo, deixou de beber, largou a adição ao álcool, conforme fomos acolhendo e elaborando alguns aspectos da convivência no grupo familiar, emergentes nestes vínculos em família.

Recordo-me, por exemplo, que abordamos o modo como eles a tratavam, como um cálice de cristal frágil, que poderia quebrar a um mero toque, o que impedia que o marido e as filhas do casal pudessem falar para ela como se sentiam no contexto familiar.

A redistribuição do sentimento de fraqueza e também de força, no interior do grupo familiar, favoreceu a conquista de maior presença emocional nestes vínculos, facilitando uma comunicação mais efetiva, permitindo que uma maior intimidade pudesse se instalar entre eles.

Isso fez com que o membro sintomático/emergente – no caso, a mãe como paciente identificado – fosse liberado desse encargo de carregar o desajeito e recusa ao convívio. Essa mãe parou de beber, não por magia, mas por mudanças que haviam sido processadas nas modalidades de ação de todos que participavam dessa unidade familiar. Ao final da psicoterapia, eram os seus familiares que não queriam mais trazê-la, satisfeitos com o que tinham obtido. Penso que receavam que aquele efeito pudesse ser perdido se a trouxessem como “um caso”.

Queriam preservar o que haviam conquistado no lar. O sofrimento do grupo familiar em torno do alcoolismo de um de seus membros havia sido resolvido, trazendo mais bem estar e riqueza ao intercâmbio no interior do grupo familiar, sem que eu, psicoterapeuta familiar, tivesse estado em presença com a senhora alcoolista.

Esta experiência no início da minha atuação na especialidade da clínica conjugal e familiar auxiliou-me a manter o olhar no inter-relacional, ao que as pessoas constroem juntas, em interação.

Capítulo 18

Maria Luiza Dias Garcia

Isto me colocava no âmbito do intersubjetivo e transubjetivo, quando pensamos nos legados recebidos por herança transgeracional. Ajudou-me, então, a acurar a observação do que ocorre entre as pessoas, que expõe arranjos distintos do que seria possível observar no mundo intrapsíquico de um elemento em particular.

Assim, considerar as convivências, os pactos/alianças inconscientes, ou lealdades invisíveis, como se quiser chamar, revela-se como tarefa essencial ao psicoterapeuta de grupo familiar, seja ele oriundo de abordagens sistêmicas ou psicanalíticas.

Sobre o que desejo para a APTF do futuro, penso que ela deve continuar sua linda trajetória, continuando a promover eventos de qualidade, que reúnam terapeutas familiares oriundos de diferentes práticas e abordagens, ofertando a preciosa oportunidade do intercâmbio.

Nossa atuação não pode ser um ato solitário, fechado nas paredes do atendimento.

Quando somos autorizados e convidados à convivência em uma família, temos alta responsabilidade nesta participação e para isso, precisamos nos preparar durante toda a vida, sempre aprimorando nossa teoria e técnica mas, sobretudo, nosso autoconhecimento.

A APTF é um dos mais ricos espaços para isso e repleta de pessoas solidárias, generosas, continentas e inteligentes. Sou muito grata ao período que pude ser Presidente da nossa Associação (gestão 2010-2012), quando muito aprendi e estreitei laços com profissionais da área. Espero também ter deixado minha contribuição, da melhor forma que foi possível.

Que a APTF continue a ser esse espaço de intenso intercâmbio e cumpra sua função frente às famílias atendidas em todas as suas diversas formas!

Sinto muita satisfação em pertencer a esse lindo e competente grupo.

**APTF 30 anos: Histórias & trajetórias
de 30 terapeutas familiares**

Capítulo 19

**Maria Luiza
Moreno Carmona**



**Membra Titular da Associação Paulista
de Terapia Familiar - APTF**

**Psicóloga, Psicodramatista, Terapeuta
de Casal, Família e Comunitária**

- Membra, docente e supervisora dos cursos de formação em Terapia Familiar pelo *Instituto de Terapia Familiar de São Paulo*
- Especialista em Psicologia Intercultural pelo Depto de Psicologia social - IP/USP
- Membra do Núcleo de Pesquisa Cultura e Imigração - Unifesp.
- Sócia e membra da *Sanga8* - consultoria a grupos e instituições

Capítulo 19

Maria Luiza Moreno Carmona



Minha trajetória profissional,

a qual foi iniciada durante o curso de psicologia na Faculdade São Marcos em 1977, foi construída sob influência da minha história e dos meus valores pessoais, nos contextos família, família empresária, família de imigrantes, grupo e comunidade.

À medida em que participei de diferentes grupos, nos contextos da clínica, acadêmico e social, busquei criar formas de pertencimento e, assim, minha rede profissional e social se ampliou, me trouxe novas experiências nos âmbitos pessoal e profissional, crescimento e laços afetivos muito intensos.

Nos anos “80” a minha terapeuta da época me apresentou a existência do trabalho com famílias, pois ela atendia no INEF (Instituto de Estudos e Orientação à Família) ao mesmo tempo ela era membro da equipe do SEFAM, (Sociedade de Estudos da Família) coordenada pela psicóloga Fiorangela Desiderio, que tinha se formado em Roma com Maurizio Andolfi. Fiorangela oferecia no ano 1985, um curso de formação em Terapia de Família e de Casal, curso pioneiro com o enfoque sistêmico.

Capítulo 19

Maria Luiza Moreno Carmona

Na passagem pelo SEFAM, onde realizei a minha primeira formação em Terapia Familiar, tive a oportunidade de encontrar um referencial teórico que fez sentido com a forma de compreender os fenômenos e as relações humanas. Fiz também parte da equipe e como membro desta, preparamos a primeira vinda de Maurizio Andolfi (1986) a São Paulo, um evento que teve lugar no SEDES SAPIENTIAE.

Em 1989, interessada em me aprofundar nos estudos de Terapia Familiar na visão sistêmica, fui para a PUC-SP realizar o curso "Família: Dinâmica e Processos de Mudança" coordenado pela Professora, Dra. Ada Pellegrini Lemos.

Este curso, com sua profundidade teórica, consolidou um alicerce a partir do qual ampliei as minhas reflexões e ações como profissional especialista em terapia familiar e a realização da minha monografia de conclusão do curso.

Escolhi como orientadora do meu trabalho a Professora Dra. Maria Luiza (Tai) Cobra Castilho do Instituto de Terapia Familiar de São Paulo (ITF-SP).

A minha monografia intitulada: "Família Empresária e Empresa Familiar" falava de um tema pouco conhecido no momento e Tai desbravou comigo o desenvolvimento desse trabalho.

Na construção deste caminho como terapeuta familiar, conheci a Dra. Maria Rita D'Angelo Seixas, psicodramatista e terapeuta de família com quem comecei meus estudos de Psicodrama e posteriormente Sociodrama Familiar Sistêmico. No encontro com Maria Rita, participei do Núcleo de Estudos na UNIFESP (2001), coordenado por ela no qual realizávamos atendimentos sob o olhar do Sociodrama Familiar Sistêmico.

Fiz um curso de Psicodrama e Psicossomática, Somatodrama (1998) coordenado pela professora Dra. Maria Christina Accioli Freire, no qual me tornei membro da equipe de formação. O meu encanto pelo psicodrama me levou a aprofundar meus estudos, realizando uma especialização em Psicodrama na Escola Paulista de Psicodrama (EPP) do Dr. Victor Roberto CS Dias (2001). O Psicodrama tem como foco principal as relações humanas o que me proporcionou um diálogo rico com a Teoria Sistêmica aplicado aos grupos e a família.

Capítulo 19

Maria Luiza Moreno Carmona

Em 2004, me reencontrei com Tai Castilho que coordenava um projeto social do ITF-SP em parceria com a Prefeitura de São Paulo, Programa de Assistência Social à Família (PROASF), neste projeto, atuei como coordenadora na zona norte de São Paulo sob a orientação geral de Tai Castilho.

Nesse projeto, destaco minha participação nas atividades do "Cuidando do Cuidador", onde os ensinamentos do Dr. Adalberto Barreto (Terapia Comunitária) aliados à minha trajetória no psicodrama, me inspiraram a instrumentalizar, capacitar e ampliar os recursos dos colaboradores, técnicos que atuavam diretamente com as famílias no território.

O manejo e articulação entre família – comunidade – rede de apoio – rede pública de atendimento – profissionais do projeto, me proporcionou um grande e valioso aprendizado no sentido de potencializar o desenvolvimento de recursos da família. A partir deste projeto fui convidada a fazer parte da equipe e do corpo docente do ITF-SP nos cursos de formação em Terapia Familiar e de capacitação para profissionais da área institucional em São Paulo, Campinas e Jundiaí.

Destaco um dos projetos em 2017: "Trabalhando com grupos de famílias", para a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social - SMADS da Prefeitura de São Paulo. Atualmente, participo em aulas, supervisão de caso e genograma dos alunos.

Minha caminhada no ITF-SP agregou muitos valores seja como profissional, seja como pessoa. O cuidado com nossos vínculos, a construção conjunta de nossas ideias e competências têm sido as bases para o processo de construção do conhecimento e dos trabalhos realizados.

Dando continuidade aos meus aprendizados e à elaboração da minha identidade bicultural, como filha de imigrantes, em 2007 estudei Psicologia Intercultural e participei do grupo de estudos e atendimento do Núcleo de Pesquisa sobre E/Imigração do Instituto de Psicologia do Núcleo de Estudos e Orientação Intercultural do Depto de Psicologia Social - IP/USP - Coord. Prof. Dra. Sylvia Dantas Duarte e, posteriormente, também sob sua coordenação, do Núcleo de Pesquisa, Contato entre culturas, Imigração, Saúde Mental e Interculturalidade (CNPQ) - Projeto Acolhimento Psicossocial Intercultural - UNIFESP.

Capítulo 19

Maria Luiza Moreno Carmona

Nessa área, alguns trabalhos que realizei merecem destaque:

Projeto Conviver - perspectiva trigeracional, com encontro de famílias espanholas (colaboração da psicóloga Fatima Fontes) no Clube Hispano-Brasileiro em São Paulo (2003).

Grupo de Preparo para Brasileiros que vão para o Exterior - Núcleo de Pesquisa sobre E/Imigração do Instituto de Psicologia do Núcleo de Estudos e Orientação Intercultural do Depto de Psicologia Social - IP/USP. – Prof. Dra. Sylvia Dantas Duarte (2005)

Espaço Conviver - Grupo de pessoas e casais idosos, como parte do Programa Fundação “Espanhóis pelo Mundo” no Clube Hispano-brasileiro em São Paulo (2007).

Projeto com hispano-falantes refugiados e imigrantes da América Latina (colaboração da psicóloga Susana Leroux) - “Acolhimento Psicossocial Intercultural” do Núcleo de Pesquisa Contato entre culturas, Imigração, Saúde Mental e Interculturalidade (CNPq) – UNIFESP - Prof. Dra. Sylvia Dantas Duarte (2020)

Outra etapa do meu aprofundamento teórico-prático foi a minha participação no Certificado Internacional em Práticas Colaborativo-Dialógicas propiciado pelo INTERFACI (2012) e Instituto Galveston-Texas e coordenado pela psicóloga Dra. Marilene Grandesso.

Foi outro divisor de águas na minha trajetória pessoal e profissional, por proporcionar maior conexão entre teoria e prática em coerência com minha postura de vida.

Iluminou meu foco em relação a teia afetiva das relações humanas e a inclusão da diversidade de vozes, em relação ao reconhecimento das competências e acolhimento das limitações, às atitudes responsivas e acolhedoras.

Fruto desse espaço de estudo continuado, surgiu meu interesse em conhecer a Investigação Apreciativa, com a Professora Maria Fernanda Teixeira da Costa, com quem formamos um grupo de estudos com diversos focos e um grupo de trabalho ao qual demos o nome de Sanga8 (2017).

Capítulo 19

Maria Luiza Moreno Carmona

E esse é um outro capítulo desta história... fazer parte da Sanga8 é comungar de um encontro de afeto, propósito, consciência e realização; é transformar em ação nosso conhecimento construído e partilhado.

Projetos Sanga8:

Projeto Famílias - Uma Ação Integrada e Sistêmica na Liga Solidária - Coordenação da Maria Fernanda Teixeira da Costa e da Gerente de Projetos Marli Oliveira da Liga Solidária.

Imersão em Investigação apreciativa em grupo, convívio e aprendizado colaborativo.

Perrengues e Milagres:

"Construindo nossa história longe do país de origem" - Investigação apreciativa online com brasileiros no exterior.

Tenho participado de várias Jornadas e Congressos de Terapia Familiar apresentando os trabalhos realizados e participei da diretoria da APTF como suplente em dois biênios: 2018-2019 e 2020-2021.

Agradeço por ter escolhido ser e estar psicóloga; pela presença dos meus pais, Mary e Paco, meu marido João, minhas filhas Juliana e Mariana e minha família Moreno Carmona; por transitar por todos esses espaços e ter me desenvolvido nessa trajetória como pessoa e profissional; agradeço aos meus clientes e ao fato de ter conhecido os profissionais já mencionados e as amigas e parceiras nesta trajetória: Maria Cecília Astete, Marisa Jordão, Cristiana Pereira, Monica Genofre, Simone Bambini, Graziella Mofarrej, Maria Fernanda Teixeira da Costa, Maria Gabriela Leifert, Olga Joveleviths e Valéria Paschoal.

Um especial agradecimento à APTF por toda sua trajetória e missão de agregar e fortalecer os terapeutas de família, em promover conhecimento e trabalhar em prol das famílias.

Desejo à APTF um caminho iluminado, consciente, honrando a história construída e tendo uma escuta atenta para se transformar em coerência com as demandas do momento.

**APTF 30 anos: Histórias & trajetórias
de 30 terapeutas familiares**

Capítulo 20

**Maria Luiza
Pugliesi Munhoz**



Membra fundadora da Associação Paulista de Terapia Familiar - APTF e da ABRATEF. Presidente da APTF (2014-2018) e vice-presidente (2008-2010).

Psicóloga e Terapeuta familiar

- Professora e Pesquisadora do *Centro Universitário FIEO*
- Editora responsável da Revista da *ABRATEF*
- Autora de livros e de artigos em periódicos sobre Relações da Família e escola na ação educativa

Capítulo 20

Maria Luiza Pugliesi Munhoz



Desde dos primórdios da humanidade, as pessoas conversam sobre problemas conjugais e familiares.

Mas somente com a chegada do século 20, nasce a profissão de Terapeuta de Familiar, devido ao aumento dos conflitos conjugais, provocando separações e divórcios, problemas de comportamento das crianças, delinquência juvenil, maus tratos e abandonos de crianças e outros problemas familiares.

Não que antes não houvessem, mas respostas a essas necessidades eram dadas, especialmente, por ações ligadas ao Serviço Social, iniciativas religiosas e conhecimentos psicológicos.

Sendo atingidos pelo surgimento dos desafios do 3º Milênio que se aproximava, fomos a busca de ferramentas e conhecimentos em outros países que já desenvolviam teorias e práticas embasadas nos "novos paradigmas", no atendimento de casais e de famílias, como: Chile; Argentina; México e Estados Unidos.

Os chamados "novos paradigmas" são aqueles que consideram os contextos e as complexidades inerentes nos processos psicossociais das condutas humanas, tendo como premissa básica a teoria que busca dar conta das relações, ao invés das entidades isoladas.

Capítulo 20

Maria Luiza Pugliesi Munhoz

De posse desses conhecimentos, unimo-nos, promovendo eventos e encontros em diferentes regiões do Brasil, para discutir as possibilidades de nos tornarmos uma entidade representativa do que fazíamos, a fim de criar conhecimentos e técnicas que se ajustassem a nossa realidade.

E assim foi... A constituição da Associação Paulista de Terapia Familiar aconteceu no 1o Congresso Brasileiro de Terapia Familiar, momento em que o logo criado para esse evento foi um ovo querendo ser rompido, para a criasair e ter vida. Isso não é exatamente a Família? Esse foi o início. Conseguimos!!!

A ideia foi gestada nos Encontros de Terapeutas Familiares de Minas Gerais e de Brasília que chegou a São Paulo, quando foram formadas as Associações Brasileira e Paulista de Terapia Familiar, com os estatutos respectivos e os cargos e nomes designados. Seguiu-se várias diretorias eleitas, em diferentes momentos, que deixaram registros físicos e virtuais do que foi valioso e significativo, como testemunho de nossa associação.

Isto porque, acreditamos serem feitos que nos identificam enquanto ideais, e, nos representam enquanto pessoas que não se amedrontam ao enfrentar os caminhos sombrios do sofrimento, no cuidado de quem nos procura, pedindo ajuda. Sendo assim, torna-se fundamental manter e ampliar a conexão da rede já criada e trilhada por aqueles que vieram antes de nós.

Na esteira dos últimos preparativos do XI Congresso Brasileiro de Terapia Familiar que aconteceu em São Paulo no mês de Julho de 2014, somos solicitados a criar um espaço para a eleição da nova diretoria para a APTF e, no mesmo dia, devido à regra do estatuto atual, convocar os interessados em representar a regional paulista nas reuniões do CDC para a próxima gestão da ABRATEF.

A apuração indicou um número de votos significativo, tanto pelo correio, como presencialmente, com um fato considerado inédito em relação às outras eleições: a chapa foi eleita por unanimidade de votos. De fato, a nova chapa contava com pessoas que dirigiram com dedicação e preciosismo a antiga gestão.

Capítulo 20

Maria Luiza Pugliesi Munhoz

Chegamos aqui, após anos de participação e de interesse em manter vivas as metas e as ações da nossa associação, acreditando que, se partilharmos nossos desejos e se conseguirmos construir juntos caminhos para atingir nossas metas, chegaríamos a um produto muito mais completo e consistente: completo por que foi tecido a partir de diferentes opiniões e origens e, consistente por ser multifacetado em seus sentidos históricos e significados particulares.

Este pensamento se apoia nos dizeres de Dom Helder Camara: "Quando uma pessoa sonha sozinha, é só um sonho; quando varias pessoas sonham juntas, a realidade se transforma".

Em 2016, ao sermos reeleitas para uma nova gestão, organizamos o Fórum de Clínica Social da APTF, com a presença dos institutos, núcleos formadores e associados interessados a participar.

Decidimos criar uma Comissão para estudar as regras institucionais e diagnosticar a realidade das pessoas atendidas pelas instituições públicas do Sistema Único de Saúde, a fim de empreender nossas futuras ações.

Nos deparamos com a enorme necessidade destas populações de receberem atendimento terapêutico nos órgãos públicos de competência, pois, este tipo de atendimento ou inexistia ou era deficiente ou insuficiente.

E constatamos que as carências e deficiências deviam-se a diferentes ordens de motivos. Principalmente: "Ideologia institucional", que sem as devidas comprovações científicas, era contrária à psicoterapia como forma eficaz de atendimento em qualquer nível de doença, o que levava à exclusão deste recurso no atendimento básico, onde ele seria mais eficaz; deficiência de contratação pelo Estado e quase que total ausência de fiscalização dos atendimentos nos órgãos públicos; despreparo profissional, pois a maioria das vezes, as equipes que atuavam na atenção básica e prolongada no atendimento em saúde mental, não contavam regularmente, com psicoterapeutas formados e regulamentados.

Capítulo 20

Maria Luiza Pugliesi Munhoz

Fomos procurar, de diferentes formas, os contatos com os órgãos da rede pública, lutando para conseguir a inserção da APTF na Secretaria da Saúde, com vistas a desenvolver Políticas Públicas que adotassem a Terapia Familiar e de Casais para os mais necessitados. A Moção elaborada pelo grupo foi entregue, pessoalmente, em audiência no Palácio do Governo, chegando às mãos do Secretário da Saúde Dr. David Uip, tendo como meta a aquisição de políticas públicas que se voltassem de maneira correta aos atendimentos dos casais e das famílias mais necessitadas na região paulista.

Conseguimos, nessa mobilização, o contato com agentes federais, com quem fizemos reuniões presenciais, atendendo nossas solicitações. E essa ação, na criação de Políticas Públicas, na preparação de agentes terapêuticos nos atendimentos a casais e famílias, foi gestada em São Paulo, mas hoje atua em outras regiões do país, especialmente, Nordeste e Rio de Janeiro. É um resultado que nos traz satisfação, uma vez que, nossa missão é criar conexões e não reter somente para nós o que produzimos.

Portanto, o que deixo para os membros da nova gestão é a ideia desse caminhar, de reconhecer o quanto estamos conectados com o passado, vivenciando as experiências do presente, para direcionar o futuro, pois acreditamos que podemos manter o movimento evolutivo incrementando nossas ações, se reexaminarmos o que recebemos de herança, numa proposta de atualizá-las e transmiti-las, a fim de obter um efeito regenerador e gerador de novos valores, significados e formas de atuação.

Deste modo, continuem abrindo espaços para o novo e, em especial, para a inclusão dos grupos e temas de diversidade, como LGBTQIA+, negros, indígenas, pessoas com deficiência, pessoas com TEA, etc., que virão propiciar a criação de novos conceitos, debates, olhares e a produção de novas respostas para antigas questões, tornando a Terapia Familiar Paulista e Brasileira mais democrática.

APTF 30 anos: Histórias & trajetórias
de 30 terapeutas familiares

Capítulo 21

Maria Rita D'Ângelo
Seixas



Membra fundadora da Associação Paulista
de Terapia Familiar - APTF e Presidente
(1993-1996; 2008-2010)

Pedagoga, Psicodramatista, Terapeuta Comunitária e Familiar

- Coordenadora da Escola de Sociodrama Familiar Sistêmico
- Professora adjunta da *Universidade Federal de São Paulo* (UNIFESP)
- Didata e supervisora da *Federação Brasileira de Psicodrama* (Febrap)

Capítulo 21

Maria Rita D'Ângelo Seixas



Caros amigos

Atendendo ao pedido da APTF de contar um fato inusitado que me aconteceu nestes anos de atendimento, penso que o que mais me surpreendeu foi o mesmo que deu início à APTF e à estruturação do movimento de Terapia Familiar no Brasil e que eu já narrei no livro de histórico da Terapia Familiar que organizei quando fiz parte da comissão de Histórico da ABRATEF. A seguir, rapidamente contarei um outro fato curtinho, mas a meu ver interessante.

Eu integrava a equipe do COGEAE e fomos para Brasília, assistir ao terceiro Encontro de Terapia Familiar Brasileiro.

Aí me veio a ideia de trazer para São Paulo o Quarto Encontro. A equipe do COGEAE topou me ajudar a organizá-lo e assim o fiz. Marcamos uma data para nos encontrarmos em São Paulo no meu consultório na Rua Agami com todos os coordenadores de Institutos de Formação brasileiros, que na época não eram muitos. Combinamos também entre nós de São Paulo que cada um deveria convidar para este encontro, todos os coordenadores de grupos de estudos de São Paulo, que conhecessem, qualquer que fosse sua linha de trabalho, ou a cidade a que pertencesse, pois queríamos que o quarto encontro fosse realmente representativo da Terapia Familiar do Estado.

Capítulo 21

Maria Rita D'Ângelo Seixas

Qual não foi o meu espanto quando cheguei na sala e a encontrei completamente cheia. Os presentes foram se apresentando e dizendo quantas pessoas representavam. Ao final da reunião, propus que em lugar do quarto encontro, realizássemos o 1º Congresso Brasileiro de Terapia Familiar, o que foi prontamente aceito. Mas outros fatos começaram a surgir.

Como não tínhamos caixa, foi proposto que todos os coordenadores pagariam sua inscrição no Congresso no próximo encontro que marcamos para breve, prática que até hoje perdura. Aí surgiu um novo impasse: quem receberia este dinheiro? Após muita discussão, foi decidida a Fundação da APTF, que seria a primeira Regional a ser formada antes mesmo da ABRATEF. Ficamos então de escrever um estatuto para a instituição nascente, que seria discutido na próxima reunião do Grupo organizador, o que de fato ocorreu. Fundamos a APTF e constituímos uma diretoria para o Congresso que ficou valendo para a APTF também e fiquei como a primeira Presidente.

Quando terminou o Congresso eu deveria entregar a APTF e ser eleita uma nova Diretoria. Mas como havia algumas pendências a resolver, decidiu-se que eu ficaria à frente da APTF por mais um ano até organizar tudo para passar para a nova gestão.

Após o Congresso, na Assembleia de encerramento que eu tive a felicidade de presidir, fundou-se a ABRATEF e decidiu-se que em cada Estado que tivesse Instituição formadora deveria formar uma Regional. O Congresso foi para Porto Alegre e as Regionais foram aparecendo uma a uma.

Como veem, nada mais inusitado do que isto. De uma reunião para se promover um Quarto Encontro de Terapia Familiar Brasileiro, que convoquei, nasceu a APTF a primeira Regional Brasileira antes mesmo da Federação ABRATEF, que acabou por ser constituída na Assembleia do encerramento do Congresso. Esta estrutura básica se manteve até hoje.

A solicitação para eu escrever fatos inusitados para comemorar os 30 anos da APTF, chegou em um momento em que eu estou mudando de São Paulo para Ribeirão Preto e não tenho em mãos nenhum livro para apoiar esta escrita.

Capítulo 21

Maria Rita D'Ângelo Seixas

Assim não referi nenhuma data nem nomes que me acompanharam, para não incorrer em alguma imprecisão.

Outro relato

Enquanto eu escrevia este relato, lembrei-me de um fato interessante. Logo que voltei de Brasília (para onde fui por 6 meses e acabei ficando por 10 anos), deixei lá, uma clínica bastante razoável e a ABPS associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama, que fundei, com dez turmas formadas. e cheguei aqui sem nenhum paciente.

Graças aos amigos que aqui deixei como Victor Dias, Içami Tiba, com quem vim a trabalhar, os pacientes foram chegando devagar. Um dia estava sozinha no consultório. Todos tinham ido embora, até a secretária e eu havia ficado para abrir a porta para uma família que me pedira para atendê-la naquele dia, às 21 horas.

Quando a família chegou a mãe e dois filhos, começamos a conversar enquanto aguardávamos o pai, que fora estacionar o carro. Quando o senhor chegou, fiquei muito surpresa e ele também.

Todos perceberam que nos conhecíamos e eu pedi que subissem para conversarmos no consultório. Logo que sentamos, os meninos nos perguntaram se já nos conhecíamos. O pai ficou mudo e eu tive que explicar que havíamos sido namorados na adolescência, o que evidentemente fazia muito tempo. Disse ainda que eles tinham todo o direito de cancelar as consultas diante do fato. Para meu assombro a mãe disse que não via por quê. Já que estavam ali iam continuar.

O pai ficou muito embaraçado e disse que se a mulher não tinha problemas ele também não teria. Falaram de coisas triviais, como se conheceram, onde moravam, como vieram os filhos e encerramos a sessão, que ficou marcada para a próxima semana. Eu pensei que não viriam, mas na hora marcada a mãe e filhos estavam lá mas, o pai não apareceu, alegando problemas de trabalho. Aí conversamos e eu perguntei se eles não achavam que a ausência do pai não era um indício de que ele não ficaria à vontade comigo como terapeuta. A família concordou e encerramos a sessão com uma indicação para outro terapeuta. Acreditem ou não, esta foi uma situação muito embaraçosa.

**APTF 30 anos: Histórias & trajetórias
de 30 terapeutas familiares**

Capítulo 22

Marilene Grandesso



Membra Titular e Presidente da Associação
Paulista de Terapia Familiar - APTF (2000-2002)

Psicóloga, Terapeuta de Casais, Famílias e
Terapeuta Comunitária

- Fundadora e coordenadora do Instituto *INTERFACI*
- Professora e supervisora do curso de Especialização em Terapia Familiar e de Casal na PUC-SP
- Coordenadora de formação em Práticas Narrativas

Capítulo 22

Marilene Grandesso



Parabéns, APTF!

Como associada fundadora, celebro com carinho os seus 30 anos. Quantas realizações e quanto nossa associação cresceu e fortaleceu a rede de terapeutas familiares de nosso estado. Sinto orgulho de pertencer e ter colaborado para sua existência. Como especialista em terapia de família tenho apenas 3 anos a mais que a APTF. Então, quase todo o meu tempo como terapeuta de família, vivi no “colo” da APTF. Quantas histórias testemunhei nesses meus 33 anos dialogando com famílias e aprendendo a ver seus recursos e potencialidades!!!

O início do caminho

Minha porta de entrada para terapia familiar foi o atendimento de crianças em terapia e supervisões clínicas que eu fazia na UNIP, desde o final da década de 1970. Na época, o modelo mediacional que eu havia aprendido para terapia infantil na graduação, não se aplicava aos pais das crianças que atendíamos na clínica escola. Neste modelo, os pais eram preparados para serem “os terapeutas de seus filhos em casa”.

De imediato percebi que não se aplicavam às famílias das crianças que eu via como supervisora na clínica-escola.

Capítulo 22

Marilene Grandesso

Famílias de baixíssima renda, condições precárias de moradia, crianças cuidando de crianças enquanto os pais trabalhavam...

Meu Deus, como desconsiderar que muitos dos problemas pelos quais as crianças eram derivadas para terapia infantil decorriam das condições em que nasceram e foram criadas em contextos sociais e familiares de intensa vulnerabilidade? Além disso, muitas dessas famílias eram monoparentais tendo a mulher como mãe e responsável pela família, não havendo um pai ou outro adulto comprometido como que pudesse ser parceiro no cuidado das crianças.

Os desafios que fui encontrando me levaram a buscar recursos para poder trabalhar com essas crianças e suas famílias. Naquele tempo, eu não tinha ainda uma formação sistêmica e, portanto, a família era a família da criança em terapia. Não se tratava da família em terapia. A família como cliente veio do meu encontro, em princípio autodidata, com o pensamento sistêmico.

Assim caminhando, fui construindo meu caminho. Primeiro precisaria conhecer mais os recursos teóricos que pudessem embasar e dar sustentação para minha prática ousada e criativa, mas, clamando por recursos. Da prática para a teoria e da teoria para a prática. Comecei como autodidata.

Um dos primeiros livros que li, foi "Famílias: funcionamento & estrutura" do Salvador Minuchin. Nas primeiras páginas do livro, onde costumava colocar meu nome, aparece a data de 1983 e o livro havia sido publicado em português em 1982. Esse livro me ajudou muito e me enveredei por outros escritos de Minuchin, além de Andolfi, Jay Haley, Bradfford Keeney com a estética da mudança e todos que eu conseguia descobrir. Esses autores me deram um alicerce para construir possibilidades práticas.

Capítulo 22

Comecei a fazer pequenos cursos e workshops sobre o tema, até que a PUC-SP lançou seu primeiro curso de formação em terapia familiar e de casal na abordagem sistêmica.

Fui aluna da primeira turma de 1988-1989 e, em 1990, passei a ingressar o corpo de professores do curso, onde estou até hoje. Como me posiciono atualmente – uma terapeuta colaborativo-dialógica, que, inspirada em Harlene Anderson acredita no diálogo como caminho para relações de respeito e afeto, uma terapeuta inoculada pelas ideias de Michael White e David Epston e seus interlocutores, uma porta voz do construcionismo social, uma ativista da igualdade e inclusão social que vê a terapia como um ato político.

Como artesã de contextos, como diz Saúl Fuks, cada modelo de terapia pode ser uma fonte de inspiração para que eu possa criar “contextos propícios para que cada cliente, cada família possa acessar, elaborar e produzir suas competências singulares (Anderson, 1997, p. 245).

Uma terapeuta aprendente, eterna aprendiz

Muito sou grata às famílias que me confiaram e confiam suas histórias. Não só aprendi e sigo aprendendo com elas a arte do ofício como terapeuta de família, mas também, como pessoa no mundo.

As histórias das quais fui testemunha me fizeram acreditar cada vez mais nos recursos e possibilidades que as famílias têm de transformar a existência em algo mais digno de ser vivido.

Narrativas de sofrimento, abusos, violência, conflitos os mais variados, vulnerabilidades imensas diante das condições de abandono e desigualdade social, traziam ausente, mas implícito, histórias de superação e de resiliência. Embora as histórias narradas muitas vezes fossem de desesperança, centelhas de esperança surgiam em meio a fortes emoções e reacendiam a chama que me fazia acreditar que outros caminhos seriam possíveis.

Capítulo 22

Marilene Grandesso

Vamos em frente! Esse era o grito, muitas vezes calado, mas que ecoava aos meus ouvidos e faziam brilhar meus olhos. Esperança na desesperança tem sido possível nos casos mais desafiadores, fazendo com que eu reconheça e admire a força transformadora das famílias. Quantas vezes me emocionei e chorei junto com elas, mas, quantas outras vezes mais me surpreendi e admirei com respeito as formas criativas e tecidas no afeto que, graças a elas eu continuo aprendendo e me metamorfoseando enquanto terapeuta de família, oferecendo minha escuta generosa e minha crença de que a vida pode ser melhor e que as famílias constroem possibilidades quando são vistas e ouvidas com respeito.

Posso dizer que tenho sido uma terapeuta que valoriza as pequenas coisas. Aquilo que não se encaixa nas histórias oficiais das famílias em sofrimento, a exceção, o singular, aquelas narrativas que nos arrebatam e nos deixam em suspenso por alguns segundos sem palavras, fagulhas, chispas de luz, mensageiras da esperança.

Como expresso essas manifestações de afeto? Com uma genuína presença e um coração aberto para ouvir e se emocionar, que inspira e convida as famílias a se comprometerem com a vida a ser vivida. O ponto mais relevante para mim, como terapeuta, é a relação que estabeleço com as famílias, casais e pessoas em geral, independente da idade. Como a defino? Acolhedora e amorosa, mas, acima de tudo, cheia de esperança para continuar em movimento por relações de amor e dignidade. Terminei com essa frase de um pai de uma família que atendi, junto com sua esposa e três filhos entre 9 e 14 anos:

Do jeito que estávamos, era importante que a pessoa com quem fazíamos a terapia tivesse muita serenidade, como você. A última coisa que um ansioso quer ter à sua frente é outro ansioso... Uma capacidade de harmonizar, de acalmar... talvez o mais importante de tudo, contribuir para esclarecer. (Júlio, pai em uma terapia familiar e de casal).

APTF 30 anos: *Histórias & trajetórias
de 30 terapeutas familiares*

Capítulo 23

Mathilde Neder



**Membra Titular da Associação Paulista
de Terapia Familiar - APTF**

Pedagoga e Terapeuta Familiar

- Diretora científica da Associação Brasileira de Psicoterapia
- Professora emérita da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP
- Presidente da Academia Paulista de Psicologia

Capítulo 23

Mathilde Neder



Nossa amada Mathilde Neder,

do alto dos seus 100 anos recém completados, falou apenas uma frase :

“O silêncio fala, mas a fala silencia dores.”

Em conversa com sua sobrinha Christina Neder, lembrou-se de uma Terapia de família no HC em que Boszormenyi-Nagi deu uma consultoria. Era uma família bem simples onde um dos filhos, após sair de casa para fazer faculdade no interior, apareceu com psoríase.

A família ficou muito triste com a doença dele e compareceu para o atendimento: a mãe, o pai, as filhas gêmeas e o filho. Num momento da terapia, uma das filhas começou a conversar em inglês com o irmão, surpreendendo a todos. Isso era um segredo dela que, para continuar pertencendo à família, não revelou a eles essa realização.

Foi um momento muito emocionante, de lealdade ao sistema.

APTF 30 anos: *Histórias & trajetórias
de 30 terapeutas familiares*

Capítulo 24

Mônica Haydée Galano



Membra Titular da Associação Paulista
de Terapia Familiar

Psicóloga, Terapeuta Familiar e Mediadora

- Professora no curso de especialização em Terapia Familiar PUC-SP
- Coordenadora do curso de Mediação, no COGEAE PUC-SP
- Professora em EPM, ESA IASPE, FAMERP, UNIFESP. e autora de diversas publicações

Capítulo 24

Mônica Haydée Galano

História da APTF, ideias e ideais



Na minha primeira experiência com APTF tive a sensação de ter estendido a nossa pequena tribo, a da PUC, de ter participado da construção de uma "nova família, o sentimento de ter encontrado novos irmãos e irmãs que tinham os mesmos objetivos.

Pessoas que queriam pensar juntas sobre como a família como ente social, influía nos comportamentos, como se entrelaçavam os destinos de pais e filhos.

Mas como terapeutas queríamos ao mesmo tempo ver a terapia como um lugar onde poder

colaborar para conquistar ou reconstruir a harmonia familiar, contribuindo para que haja respeito, diálogo e resolução de problemas que afetam o relacionamento familiar e, paralelamente, poder ajudar a fortalecer os vínculos entre seus membros.

A terapia familiar vista de uma forma sistêmica, considera a família como um todo e não apenas como partes isoladas, essa visão foi na época um grande salto epistemológico.

Capítulo 24

Mônica Haydée Galano

Não devemos esquecer que nesse momento o que mais existia eram as terapias individuais e especialmente com crianças, quando o máximo que se fazia era falar com a mãe. Pois, independentemente da intuição de que nos problemas infantis existia algo mais, ainda não tinha sido sistematizado uma forma de introduzir à família no tratamento da criança. Como fazê-lo, como defender na teoria e na prática essa visão, ou inclusive criar lugares na academia para ensinar aos colegas a fazê-lo e incentivar aos terapeutas para estudar e ampliar essa prática.

Ao pensar a associação como um lugar de troca de experiências e de fortalecimento das ideias que nos convocavam, também tínhamos que criar uma área específica dentro da psicologia clínica. Isso requeria primeiramente juntar uma massa crítica que sustentasse essas ideias. Assim nasce a necessidade de abrir espaços de pesquisa, interlocutores que nos ajudaram a pensar o como, o porquê, o quando, todas as perguntas que dentro e fora da academia insistiam em aparecer como prioridades na clínica.

Poderíamos ser diferentes, ter visões teóricas distintas, mas nos unia a visão de que juntos iríamos fortalecer um trabalho terapêutico necessário na nossa sociedade.

Foram esses encontros que abriram as portas para uma organização de classe, necessitávamos nos juntar para nos fortalecer e legitimar a Terapia Familiar como uma área própria e especializada da clínica psicológica.

A partir da fundação da associação, e sua legalidade, nasce a grande oportunidade de fazer encontros e congressos estaduais e nacionais. Assim convocando colegas de outras cidades, estados e inclusive outros países, abrimo-nos à possibilidade de ampliar nossa visão, aprender sobre as experiências clínicas, as pesquisas, as teorias e as ideias que se realizavam dentro e fora do Brasil.

Se havia ideias havia também ideais.

Acredito que nesses 30 anos temos cumprido com eles, assim aconteceram muitos encontros, conversações, projetos sociais e clínicos. Mas também cafezinhos, jantares e comemorações onde nasceram assim novas amizades, parcerias e cursos. E hoje olhando para o caminho percorrido estou orgulhosa de ter participado desde o início da convivência com essas extraordinárias pessoas que fizeram a história da psicologia do Brasil.

**APTF 30 anos: Histórias & trajetórias
de 30 terapeutas familiares**

Capítulo 25

Rosa Macedo



**Membra Titular, Fundadora e Presidente da
Associação Paulista de Terapia Familiar -
APTF (1996-1998)**

Pedagoga, Terapeuta Familiar e de Casal

- Coordenadora do Núcleo de Família e Comunidade do programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica *PUC-SP*
- Professora Emérita *PUC/SP* e Consultora de Projetos em Políticas Públicas
- Coordenadora do Curso de Especialização em Terapia Familiar e de Casal *COGEAE-PUC-SP*

Capítulo 25

Rosa Macedo



APTF: 30 ANOS!!!!

Sinto-me como se estivesse comemorando o aniversário de uma criatura de cuja gestação participei integralmente, com o entusiasmo, as expectativas de sucesso e os receios próprios da responsabilidade que cabe aos que se incumbem de criar algo que represente uma novidade principalmente no campo do conhecimento.

A APTF nasceu da necessidade de possibilitar um encontro entre os vários psicoterapeutas recém praticantes da nova modalidade terapêutica que se difundia nos Estados Unidos e Europa: a TERAPIA FAMILIAR, resultante de estudos de novas teorias científicas, impulsionadas sobretudo pelos avanços científicos e tecnológicos ocorridos durante a II Guerra Mundial.

Os avanços da Cibernética, da Teoria dos Sistemas da própria Física, mostraram como o contexto é fundamental na percepção que temos do mundo, como o universo é uma teia de relações e, para conhecer é necessário atentar não para um fato isolado, mas para sua inserção no contexto em que se encontra com suas inúmeras possíveis conexões.

Se essa premissa é válida para o mundo físico é mais ainda para a realidade social, o mundo das relações humanas, o que embasa e justifica a mudança de foco da Terapia Familiar do indivíduo para as relações.

Essa descoberta, para mim, foi uma ampliação de horizontes, na medida em que como psicóloga, trabalhando em Diagnóstico Psicológico de crianças e adolescentes sentia grande dificuldade em conseguir boa adesão dos pais aos problemas trazidos, pela visão de que

Capítulo 25

Rosa Macedo

o problema era do indivíduo, cabendo ao psicólogo “descobrir” do que se tratava, informar os pais e orientá-los com estratégias de práticas educativas nem sempre suficientes para a mudança pretendida, ou então encaminhar os “pacientes” para psicoterapia individual.

A prática da Terapia Familiar, portanto foi uma liberação do modelo tradicional de Psicologia Dinâmica e uma oportunidade de acessar a complexidade da experiência relacional, de forma não diretiva, atuando como um coconstrutor de contextos ao buscar com a família alternativas possíveis para sair do círculo vicioso em que se encontra e que mantém o problema.

Alinhadas com essa forma geral de pensar, apesar da diversidade das técnicas de abordagem, na década de 90 um grupo de Terapeutas de Família aqui de São Paulo, que vinham há algum tempo estudando junto resolveu fazer o I Congresso de Terapia Familiar, com o intuito de congregare todos os interessados para oficializar e legitimar socialmente a nova modalidade terapêutica.

A fim de viabilizar o Congresso em termos práticos criamos a ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE TERAPIA FAMILIAR; trabalhamos muitas noites de 1993 no consultório de Maria Rita Seixas, para dar corpo a esse Congresso que teve por tema: FAMÍLIA: LUGAR SEGURO PARA CRESCEM?

Felizmente tivemos ampla adesão dos colegas envolvidos com a prática, e diante dessa aceitação, propusemos a criação de uma federação: a Associação Brasileira de Terapia Familiar (ABRATEF), durante o I CONGRESSO, em julho de 1994.

Portanto a iniciativa da APTF, foi o disparador da consolidação do campo da Terapia Familiar no Brasil e nós paulistas só temos que nos regozijar pela iniciativa que congregou profissionais desse vasto país e possibilitou o reconhecimento público, o respeito e sua valorização como operadores de uma área específica da psicoterapia.

Temos enfim uma associação madura, com experiência e condições de alçar grandes voos, e protagonizar importantes ações em favor das famílias paulistanas. Não é motivo para se ORGULHAR e FESTEJAR???

Conseguimos alcançar nosso objetivo e os três livros que organizei após Congressos da ABRATEF, dão testemunho da evolução do campo cuja semente foi lançada pela APTF!

Terapia Familiar no Brasil: Estado da Arte. APTF (1996)
Terapia Familiar no Brasil, na Última Década. Ed. Roca (2008)
Expandindo Horizontes da Terapia Familiar. Ed. CRV (2015)

APTF 30 anos: *Histórias & trajetórias
de 30 terapeutas familiares*

Capítulo 26

Rosana Lia
Mercaldi Galina



Membra Titular da Associação Paulista de
Terapia Familiar - APTF

Assistente Social, Psicodramatista e Terapeuta Familiar

- Supervisora e docente em psicodrama
- Docente no *Instituto CEOAFE*
- Conselheira emérita no CDC da *ABRATEF*

Capítulo 26

Rosana Lia Mercaldi Galina

Primeiramente
muito obrigada por
esse presente que a
APTF me entregou:



Poder registrar a gratidão do pertencimento é sempre uma oportunidade de fazer história! Depoimentos são retalhos de vida que tecem uma enorme coberta de patchwork, que nos aquecerá em momentos de "frio". Vamos lá!

Minha história profissional funde-se com a história da APTF. Eu terminava o curso de especialização, 'Família: dinâmica e processos de mudança', oferecido pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, coordenado pela Dra. Ada Pellegrini Lemos, quando fomos convidadas para o 1º Congresso Brasileiro de Terapia Familiar. Que sensação maravilhosa! Apesar de participar assiduamente dos Congressos do Psicodrama e outros, o Congresso de Terapia Familiar me recebia para alimentar meu insaciável apetite pela teoria de Psicanálise e Sistemas.

Conhecer mestres, ouvir ao vivo e a cores questões políticas, que muitas vezes eram excludentes, me encantava por participar, ponderar e me posicionar. Surge nesse contexto o nascimento da APTF. Daí para o meu vinculamento à APTF foi um salto bem pequeno. Lembro-me do dia em que fomos votar o nome do Boletim da APTF. Novamente me sentia inserida, apaixonada pelo processo e, apesar de não ser minha escolha, o batismo foi para "Bode Expiatório".

Esse instrumento de comunicação teve início na gestão de Marilene Grandesso e, como primeira editora a saudosa, querida e competente Rose Nahas. Que saudades! Eu a acompanhei o tempo todo em que Rose pode assinar nosso Bode Expiatório, com o seu afastamento por motivo de doença, Adriana Fráguas e eu assumimos a continuidade.

Capítulo 26

Rosana Lia Mercaldi Galina

Lastimo termos perdido esse instrumento. Ele trazia resenhas, indicações de livros, artigos escritos por nossos associados, a relação dos novos associados vinculados a APTF e, o mais interessante era termos próximos os associados. Que tempo bom!

Foi nessa gestão, que tive o convite de integrar a chapa de diretoria da APTF. Marilene, nossa Lene, convidou cada Instituto Formador para indicar um nome para compor a chapa da APTF. Eu fui indicada pelo Núcleo de Pesquisa e Estudos da Família- NUPEF, PUC SP e assumi como secretária. Que presente!

Foi também na gestão de nossa Lene, que se criou o trabalho dos Articuladores. Associados que moravam no interior, articulavam eventos e promoviam a APTF. A primeira coordenadora foi nossa Suzana Levy que após afastar-se da função deixou o bastão para que eu continuasse o trabalho estruturado e organizado que deixou. Que saudades!

Recordo com carinho o trabalho de Sonia de Oliveira de São José dos Campos junto com Ivone Bertin; nosso querido e saudoso Dilson Cesar Marum Gusmão e a saudosa Ângela Martins, na cidade de Sorocaba; Maria Luiza Paulozzi Benfontti São José do Rio Preto; Juarez Avelar e Cláudia Fúria Cesar, de Campinas e outros que conseguiram ampliar nosso quadro de associados e davam a característica Regional para o trabalho da APTF.

Tenho, também, lembranças que escrevem saudades, das reuniões que aconteciam no Colégio Winnicott, sede da APTF na gestão de Elizabeth Polity. Nessa ocasião a APTF recebia o Congresso Brasileiro da Associação Brasileira de Terapia Familiar, nossa ABRATEF. Sandra Fedullo Colombo era presidente e eu secretária dessa Associação.

Preciso então narrar, a disputa de sede da ABRATEF dessa gestão. Havia duas Regionais que se candidataram a sediar a ABRATEF: APTF e a Associação Gaúcha de Terapia Familiar – AGATEF, o locus para apresentação de proposta foi a Assembleia no Congresso.

Capítulo 26

Rosana Lia Mercaldi Galina

Lá estávamos nós com bexigas pretas, vermelhas e brancas, que desceram do teto numa nuvem de cores. Enquanto isso, a AGATEF efetivava distribuição de chocolates. Eu, com a intensão de oferecer o que todas realmente queriam, me comprometi nesse dia, com nossas colegas presentes, a conseguir marinheiros para participarem do sempre 'frustrado' jantar dançante! Com essas e outras promessas fomos vitoriosas e eu fui surpreendida, na noite de Nossa Pizza, pelo nosso querido Marcos Naime Pontes, vestido de marinheiro, dançando comigo o Hino da Marinha! Que saudades!

Deixo aqui também a marca registrada da gestão da Sandrinha: o grupo formigueiro! Formado por Claudia Bruscagin, Liz Luizi, Eu e Valéria Meirelles. Escudeiras da Secretária. Todas as quartas no consultório da Sandrinha....

Outro momento que penso foi marcante, ocorreu na 1ª Jornada Paulista de Terapia Familiar. Gestão de Marilene Grandesso. Com o convite de três nomes da Nova Zelândia: Charles Waldegrave, Kiwi Tamase e Wahiri Campbell. Para apoio logístico, Lene trouxe colegas de seu consultório.

Um deles, Raphael Cangeli, me auxiliava na secretaria. De repente, não mais que de repente começa a tocar a música Zorba do filme com o mesmo nome. Imediatamente eu e Raphael começamos a dançar no hall onde preparávamos os certificados. Raphael com o cigarro na mão. Imersos na melodia, não vimos nosso convidado Waldegrave passar. Consequência: furos de queimado na calça do convidado...

Agora, para finalizar meu olhar para nossa APTF, não poderia deixar de lembrar de nossa Silvana Miranda, secretária que por mais de uma década foi nossos olhos, nosso sentimento e nossa memória. Meu carinhoso muito obrigada pela dedicação e paixão com que dirigia o tempo na APTF.

Bem, lá se foram as duas páginas, que gentilmente me foram oferecidas, e, com elas o meu mergulho num passado delicioso que me faz novamente dizer: *Muito obrigada APTF!*

Muito obrigada Graziella e diretoria!

Até sempre!

Rosana Galina

APTF 30 anos: *Histórias & trajetórias
de 30 terapeutas familiares*

Capítulo 27

**Sandra Fedullo
Colombo**



Membra Fundadora e Presidente da Associação Paulista de Terapia Familiar (1998-2000) e da Associação Brasileira de Terapia Familiar (2004-2006)

Graduada em Serviço Social, Psicodramatista e Terapeuta Familiar

- Sócia-fundadora, presidente e formadora do Instituto Sistemas Humanos
- Organizadora e coautora de livros e artigos de terapia de casal, famílias, luto, perdas e separações
- Co-fundadora do Instituto de Terapia Familiar de São Paulo

Capítulo 27

Sandra Fedullo Colombo



Histórias de pertencimento!

Quando Isabel Martins, em nome da APTF, me convidou a escrever algumas memórias de meu caminho pela Terapia Familiar e meu entrelaçar com a APTF, o primeiro sentimento que me deu conta foi a alegria de lembrar a construção desse pertencimento!

Meu nascimento como Terapeuta Familiar precede de alguns anos o nascimento da APTF. Fazer parte de um movimento de terapeutas que iam se aproximando desse mundo das relações socioafetivas, pesquisando e estudando os sistemas humanos, conhecendo e se reconhecendo como Terapeutas de família, de várias partes do mundo, se encontrando e pensando juntos sua identidade.

Esses inícios de estudos e atendimentos de famílias me levaram a uma paixão que ainda está dentro de mim!

A primeira família que atendi, com a consciência de estar nascendo como Terapeuta Familiar, aconteceu em 1973 e ainda me emociono ao lembrar a coragem que eu, como jovem terapeuta, e a família com a dor à flor da pele, tivemos ao mergulharmos naqueles encontros. Relatei essa experiência tocante da família cujo bebê foi queimado acidentalmente pela mãe, no 1º Congresso Brasileiro em 1994, com o trabalho: Terapia Familiar com crianças pequenas - a arte da comunicação simbólica.

Tudo junto e ao mesmo tempo, como podemos perceber na complexidade da experiência humana, vários pontos, como pequenas estrelas, foram surgindo no mundo e entre nós, fruto da fertilidade do pensamento relacional-sistêmico!

Capítulo 27

Sandra Fedullo Colombo

Essas pequenas estrelas foram formando lindas constelações!

Os anos 80 e 90 foram nos reunindo para amadurecer o nascimento das associações regionais de Terapia Familiar no Brasil e finalmente em 1994 nasceu nossa Associação Brasileira de Terapia Familiar, que tive o prazer de presidir de 2004 a 2006 e organizar em nossa regional o VII Congresso Brasileiro de Terapia Familiar: Tecendo redes e construindo pontes entre teorias, práticas e contextos. Rosa Maria Macedo foi escolhida como presidente do Congresso, Rosana Galina como 1ª secretária, Maria Rita Seixas como coordenadora da comissão científica, Ruy de Mathis como tesoureiro.

Trabalhamos durante dois anos em pequenas comissões eficientíssimas, entregamos um congresso com uma participação de mais de 1500 pessoas, com a adesão das 11 regionais, com altíssima produção científica. Ao lado desse movimento de construção do congresso, dediquei uma energia enorme em fortalecer o movimento da Terapia Familiar no Brasil, visitando todas as regionais, realizando oficinas para o desenvolvimento da pessoa do Terapeuta e para o amadurecimento da formação do Terapeuta Familiar.

Esses laços de colaboração e cumplicidade criaram um pertencimento e histórias profundas de amizade.

Que delícia mergulhar nessas memórias!

Eu e Rosa construímos juntas cada pedacinho do VII Congresso Brasileiro, desde a escolha do local absolutamente urbano e contemporâneo até cada vírgula de nossas comissões! Juntas e em sintonia, uma amizade para sempre! Eu e Rosana, bailarinas de origem, não paramos nunca de dançar...

E Ruy de Mathis, nosso tesoureiro? Sem ele não ficaríamos em pé...

Cheguei muito rápido a essas confidências...

Preciso contar algo fundamental! Em 2004 começou a nascer a ideia de trazer novamente o Congresso Brasileiro para a APTF organizar, pois lembramos que foi no 1º Congresso Brasileiro de Terapia Familiar (Julho de 1994) dentro da APTF, que tinha nascido em 6/7/1993, que a Abratef se constituiu!

Capítulo 27

Sandra Fedullo Colombo

Tenho o prazer de lembrar que esses movimentos de pertencimento e construção da identidade da Terapia Familiar foram vividos por mim num entrelaçamento do eu e do nós!

Se não me engano... APTF foi a primeira regional a nascer oficialmente em 1993 e sua 1ª presidente foi Maria Rita Seixas que mobilizou com sua diretoria e todos os institutos formadores de São Paulo o 1º Congresso Brasileiro de Terapia Familiar: Família: lugar seguro para crescer? (1994).

Esses foram os passos que oficializaram a ABRATEF.

Rosa Maria Macedo foi a coordenadora da comissão científica e posteriormente a 2ª presidente da APTF. Eu tive a alegria de fazer parte da comissão científica representando o ITF-SP e posteriormente fui eleita a 3ª presidente da APTF (1998-2000).

Caminhamos nesse momento amadurecendo a APTF enquanto outras regionais nasciam entre 1995 e 2003: Rio Grande do Sul, Paraná, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Centro-Oeste, Santa Catarina, Pará, Pernambuco, Espírito Santo...

Minha gestão denominava-se "Intersecções". Queríamos conversar com nossos pares, fortalecendo a parceria e convivência entre os institutos formadores, dar voz aos diferentes pensamentos dentro do movimento da Terapia Familiar em São Paulo; definir critérios comuns para os cursos de formação; ampliar o pertencimento para os colegas e institutos no interior do estado; tornar nossa associação um centro de encontro e referência para os colegas através do projeto de apresentação das monografias, sendo as duas primeiras convidadas Denise Mendes Gomes e Ivone Bertin; transformar o jornal da APTF em instrumento de encontro e divulgação das reflexões dos associados. Nosso querido 'Bode Expiatório'!

Tivemos muita adesão aos projetos e as reuniões dos institutos formadores para a construção da identidade de nosso trabalho como Terapeutas Familiares semearam vínculos importantíssimos de respeito e amizade que ressoam até hoje. A velha guarda, quando se encontra, lembra muitas vezes da força dessa parceria. Organizamos também o Livro dos Associados, para fortalecer nosso pertencimento!

Capítulo 27

Sandra Fedullo Colombo

Nosso time era formado na primeira linha por Cirillo Tissot, vice presidente, Maria Luiza Munhoz, 1ª secretária, Eliete Belfort Mattos, 2ª secretária, Ruy de Mathis, tesoureiro. Nessa caminhada estavam sempre presentes Helena Maffei Cruz, Marilene Grandesso, Marília Freitas Pereira, Maria Amalia Vitale, Veronica Cesar Ferreira, Angela Herrera, Flavia Stockler, Mathilde Neder, Zelia Temin, Janice Rechulski, Adriana Fráguas, Eliete Belfort Mattos, Suzanna Levi e outros que agora não me vem à memória.

Dando um salto no tempo de 1998 para 2004! São Paulo preparou-se para o Congresso em Florianópolis “O que fazes por aí?” em julho de 2004. A ABRATEF fazia 10 anos de vida, a ACATEF era presidida por Dalmo Silveira de Souza e a presidente do Congresso era Maria Elizabeth Pascual do Valle. Cidade encantadora de belezas e acolhimento!

Congresso maravilhoso, espaço relacional acolhedor. Com pouquíssimos recursos financeiros, fizeram um trabalho estupendo! A APTF estava em peso lá, com excelentes trabalhos e o desejo de fazer o próximo congresso.

Um momento lindo e especial de minha vida pessoal e profissional. Me sentia madura e preparada para produzir e criar! O Instituto Sistemas Humanos havia nascido no final do ano 2000!

Essa caminhada fértil só era possível porque existia dentro de mim a energia de uma equipe múltipla e diversa: Janice Rechulski, Eliete Belfort Mattos, Adriana Fraguás, Suzanna Amarante Levi, Denise Mendes, Dilson Marum, Marcos Pontes, Gilda Montoro. E, uma nova geração chegando: Marcia Setton, Vivien Ponzoni, Ivan Fedullo Schein, Ana Starling, Marisa Micheloti, Edson Miyahara, Eliane Jambas, Neide Brito, Marcos Cavana, Sérgio Hubner.

Tudo caminhava ampliando horizontes!

As articulações para trazer a ABRATEF para São Paulo criaram força e fui convidada por Elizabeth Polity a organizarmos uma chapa comigo para presidente e Beth para vice, com uma estratégia inovadora: sendo eleitas, eu assumiria a ABRATEF e ela a APTF, pois sabíamos que cada regional ao assumir a ABRATEF, ficava asfiziada com as tarefas e desidratada nos seus projetos!

Capítulo 27

Sandra Fedullo Colombo

Assim fizemos! Pela 1ª vez na história da ABRATEF, tiveram duas regionais que disputaram ser a sede: APTF e AGATEF, com um grupo excelente liderado por Helena Centeno Hintz. Foi um dos momentos mais divertidos e democráticos que já vivemos. A APTF encheu o salão de balões de gás com as cores de São Paulo e os congressistas compareceram em peso para votar!

Eu e Helena nos cumprimentamos e apresentamos nossas plataformas muito divertidas com o clima de disputa e alegria!

Foi um momento único!

Cooperação, parceria e disputa! Nessa ocasião apresentei dois trabalhos que marcaram minha vida: Pássaros Feridos, onde fiz uma vivência sobre os lutos nos processos de desenraizamento e migração na história de cada um de nós! Vi uma plenária com mais de 600 pessoas se emocionar e se levantar para aplaudir! Refiz esse trabalho em quatro diferentes cidades e ocasiões com a mesma emoção e elaboração! Parece que estava me preparando para dois lutos importantes em minha vida: a morte de minha queridíssima mãe, e o casamento e maternidade de minha filha na Itália!

Minha intuição me preparou! O 2º trabalho, que também marcou minha vida, foi uma pesquisa sobre a Transmissão do Feminino: uma entrevista filmada de uma conversa entre mães e filhas. Estamos presentes eu, Elizabeth Polity, Márcia Setton e nossas filhas... trabalho especial e profundo que pretendo filmar o segundo momento no próximo Dezembro: dezanove anos depois!!

Assim me elegi presidente da ABRATEF, com uma missão de conversar e mobilizar a força das demais regiões em direção à Terapia Familiar!

Organizamos também o livro Quem somos? Cadastro dos Terapeutas Titulares da ABRATEF e o mapa do nascimento de cada regional como uma estrela. Em 2002 eu e Solange Rosset fizemos um banner com a metáfora das onze regionais nascendo como estrelas da constelação ABRATEF e demos de presente para o V Congresso em Salvador, que o colocou na entrada do evento como a linha do Tempo! A ideia deu origem a essa nova publicação concretizada pela comissão de publicação coordenada por Valéria Meirelles.

Capítulo 27

Sandra Fedullo Colombo

E, gran finale, com nossa diretoria em absoluta sintonia criativa, o VII Congresso Brasileiro de Terapia Familiar: Tecendo redes e construindo pontes entre teorias, práticas e contextos!

Tudo junto e ao mesmo tempo... o Sistemas Humanos que nasceu de um sonho nas praias de Juqueí, olhando o mar azul com Janice querida, Rechulski, mergulhando no Construcionismo, cresceu com os queridos parceiros dessa aventura de ser Terapeuta familiar e formador de terapeutas. Cresceu para dentro e para fora e autorizou a chegada de novas gerações!

E para você, querida APTF, muitos anos de vida! Que a liberdade de ideias, o respeito às diferenças, a consciência da missão agregadora, a beleza do pertencimento passem para as próximas gerações e se multipliquem como bençãos!

Bibliografia

SEIXAS M. R. D. (org). Origem e Trajetória da Terapia Familiar no Brasil. Capítulo 5 pag. 128. São Paulo: Roca, 2010.

COLOMBO, S.F. Ainda em busca do sagrado. In: PONTES, M. N. (org). Construção pela vivência em terapia familiar. São Paulo: Roca, 2009.

Quem somos? Cadastro dos Terapeutas titulares da Abratef Associação Brasileira de Terapia Familiar. São Paulo: 2006. Livro dos Associados APTF. São Paulo, 1999.

COLOMBO, S.F. Terapia familiar com crianças pequenas a arte da comunicação simbólica. In: MACEDO R. M. S. (org). Terapia Familiar no Brasil Estado da Arte Anais Volume II. São Paulo: 1995.

APTF 30 anos: Histórias & trajetórias
de 30 terapeutas familiares

Capítulo 28

Suzanna Amarante Levy



Membra titular e Membra da Diretoria
(2000-2010) da Associação Paulista de
Terapia Familiar - APTF

Psicóloga, Terapeuta de Casal e Família

- Sócia e formadora do *Instituto Sistemas Humanos* em São Paulo e Sorocaba
- Membro da Associação Internacional de Terapia Familiar - *IFTA*
- Supervisora do Projeto de Terapia Familiar do *Centro de Estudos e Assistência à Família*

Capítulo 28

Suzanna Amarante Levy



Queridos colegas da APTF

Eu, Suzanna Amarante Levy fiquei muito contente com o convite para escrever na comemoração dos 30 anos da APTF e assim relembrar momentos que estive na diretoria da Associação.

Levei um susto quando vi que participei da diretoria de 2000 a 2010, simplesmente dez anos. Mas tudo isso começou quando fui convidada a participar de um grupo, uma chapa em que Marilene Grandesso estava organizando e que seria a presidente.

Nossas reuniões semanais eram especiais com muita fertilidade, desejos de ampliar e sempre uma preocupação na transparência e ética. Era muito bom estar em um grupo muito coeso, respeitoso, com bastante conhecimento de instituição, com muita vontade de realizar e pronto para por a mão na massa.

A ampliação da associação foi um foco importante nesta gestão. Criamos uma rede que possibilitasse crescer para o estado de São Paulo trazendo outras vozes e necessidades. Através de um grupo construído de articuladores regionais: nos reuníamos em outras cidades do estado e também na cidade de São Paulo. Organizamos almoços informais muitas vezes na minha casa para conhecer uns aos outros e cada região.

Sempre foi importante pensarmos juntos em projetos, na formação do terapeuta de família, e nas dificuldades encontradas. Tivemos encontros muito interessantes em que as diferentes regionais possibilitaram novas estratégias de trabalho, ideias e eventos que fizeram sentido para a maioria dos associados.

Capítulo 28

Suzanna Amarante Levy

Houve a necessidade de ampliar a parceria da associação com instituições que trabalhavam em situações de risco para oferecer atendimento através da nossa rede. Neste projeto o objetivo foi:

- 1- Fortalecimento do grupo enquanto equipe para trabalhar com situações de conflito e de risco qualificando as diferentes lentes de cada um.
- 2- Encaminhamento e acompanhamento das famílias que necessitavam de atendimento familiar ou atendimento grupal. Fortalecimento da nossa rede de atendimento.
- 3- Prevenção, que incluía a capacitação de agentes comunitários como também a inserção em rede de profissionais de outras organizações para troca de experiências em diferentes contextos. Grupos de reflexão e estudo.

Resumindo, foi um privilégio participar junto com este grupo e com uma presidente querida, com grande capacidade de estar a frente sempre preocupada em discutir questões como a ética relacional, preconceitos, seguindo o estatuto e ouvindo as necessidades e vozes dos associados. Além de muito trabalho também sobrava tempo para encontros com bom vinho e muita risada.

Meu desejo para APTF é que nestes tempos atuais, ainda temos que se preocupar com situações de violências preconceitos, conceitos, as mudanças nas famílias e casais, como também a formação do terapeuta. Que possamos sempre poder discutir estes temas e outros como a inteligência artificial que está presente, modelos de atendimento on-line e seus desdobramentos.

APTF 30 anos: *Histórias & trajetórias
de 30 terapeutas familiares*

Capítulo 29

Tai Castilho



**Membra Titular e Fundadora da Associação
Paulista de Terapia Familiar - APTF**

Fonoaudióloga e Terapeuta Familiar

- Fundadora do *Instituto de Terapia Familiar de São Paulo - ITF-SP*
- Coordenadora e supervisora de Programas como Proasf e Família Acolhedora
- Autora de diversos livros e artigos sobre terapia e estudos das relações familiares

Capítulo 29

Tai Castilho

Sou psicoterapeuta
de casal e família
há quase quatro
décadas.



Fonoaudióloga como primeira formação profissional, atuei principalmente no campo da avaliação e aquisição da linguagem, concentrando meus estudos por quase uma década em Linguística e Psicolinguística, com concentração em Aquisição da Linguagem pela criança. Este foi o contexto que me levou a abrir portas que me conduziram ao interesse por estudar a comunicação e as relações familiares.

Nos idos anos 70 e início dos anos 80 do século passado, fui fazer um mestrado em Psicolinguística na Unicamp. À época, meus estudos se concentravam no processo de aquisição de linguagem pela criança que constituía seu pertencimento a uma família.

Esta foi a célula inicial de meu interesse por estudar os contextos familiares como núcleo relacional e interacional da criança.

No início dos anos 80 acabei indo para Roma conduzida pelo meu interesse em estudos sobre as relações familiares onde, durante cinco anos fiz uma formação em Terapia Relacional Sistêmica de Casal e Família, nas escolas de Camilo Loredio e Gaspari Vella, e frequentando também a Scuola di Roma, na época dirigida por Maurizio Andolfi e Carmine Saccu, cuja abordagem transgeracional me interessou muito e até hoje tenho como guia mestre de minha trajetória.

No meu retorno ao Brasil, em 1987, foi precioso meu encontro com Flavia Stockler, que nos deixou recentemente.

Capítulo 29

Tai Castilho

Dele nasceu uma longa amizade e parceria e, através dela, comecei a participar de um grupo que estudava a Clínica de Casal e Família. Por longos anos de aprendizado mútuo, estudamos, trabalhamos em co-terapia e constituímos um laço forte de amizade e afeto.

Minha gratidão a ela é eterna, não só pelos ricos anos de convivência na clínica, mas também pela parceria na Formação de Profissionais, quando, com outros colegas, fundamos o Instituto de Terapia Familiar de São Paulo, inaugurado com a primeira turma em 1990.

O cenário acima foi acompanhado pela riqueza de desbravar junto com este grupo pioneiro, um campo de conhecimento que dava seus primeiros passos no Brasil da mesma forma que eu ainda engatinhava na minha prática como psicoterapeuta familiar. Sentia-se no ar o cheiro dos preconceitos voltados para a Terapia Familiar e para a Abordagem Relacional Sistêmica. Éramos poucos, uns já se foram, mas foi deste corajoso grupo Inicial que nasceu a Associação Paulista de Terapia Familiar, APTF, que nos deu um lugar de acolhimento e pertencimento.

A história da APTF começa como um núcleo familiar que foi se expandindo e se conectando com outros grupos Brasil a fora. Os membros destas famílias foram crescendo e se diferenciando, ao mesmo tempo que as famílias que atendíamos e estudávamos iam mudando de tonalidades constituído de um colorido, emanava o espectro que traduzia a diversidade das famílias brasileiras.

As mudanças sociais a partir dos anos 80 que adentraram o século 21 foram um desafio para nós terapeutas que vínhamos de uma formação hegemônica da família nuclear heterossexual burguesa. Mas palavras de Minuchin, os terapeutas familiares tinham um desafio enorme que seria a desconstrução subjetiva da hegemonia da família nuclear tradicional heterossexual burguesa, para adentrar o universo plural dos arranjos familiares que se apresentavam, passando a definir família na sua pluralidade, As Famílias.

Capítulo 29

Tai Castilho

Meus estudos foram acompanhando meu olhar para o cenário multidimensional das famílias acompanhando também as abordagens que foram se ampliando para dar conta do novo cenário. Os muitos congressos nacionais e internacionais, cada vez mais ricos em conhecimento, foram enfrentando os novos desafios.

Devo minha formação, não só aos meus mestres italianos, como também aos meus colegas da família que deu origem à APTF, e que se inaugurou com o Primeiro Congresso Brasileiro de Terapia Familiar em 1993, em São Paulo.

De lá para cá, pelas vias mais diversas e continuando minha estrada, ampliei minha Formação com um mestrado em Psicologia Social na PUC-SP, onde defendi a Dissertação 'Migração, História Transmissão - uma família que se conta' - e como doutoranda em Psicologia Clínica na Universidade de Coimbra, com tese em finalização, onde estou desenvolvendo um estudo sobre as novas paternidades e seus efeitos nos lugares de gênero no casal e na família.

Tenho imenso orgulho por ter percorrido com outros e outras colegas a narrativa da Terapia Familiar Paulista e Brasileira, e por fazer parte deste legado que se traduz por uma necessidade político-social de inclusão de todos e todas que em seu pertencimento aos grupos de convivência que se definem como família.

APTF 30 anos: Histórias & trajetórias
de 30 terapeutas familiares

Capítulo 30

Verônica Cezar-Ferreira



Membra Fundadora da Associação Paulista de
Terapia Familiar - APTF e da Associação Brasileira
de Terapia Familiar - ABRATEF

Advogada, Psicóloga, Terapeuta Familiar e Mediadora

- Professora de Pós-Graduação, escritora, poeta, palestrante e conferencista.
- Sócia-fundadora da Associação Brasileira de Psicoterapia (ABRAP)
- Introdutora da Visão Psicojurídica na área da família, especialmente no contexto das separações judiciais

Capítulo 30

Verônica Cezar- Ferreira

Minha vida com a APTF



O que falar dessa jovem aniversariante?

Cabeça de adulta e espírito de infante?
Travessa, moleca, um poço de energia?

Vivaz, criativa, eficiente? Eficaz,
responsável?

Um jeito de menina em corpo de
mulher, se permitida a metáfora?

Os interessados em atendimento a
famílias viram os mundos europeu e
norte-americano da terapia familiar
mundial trocarem de sede. O hemisfério
norte mudou-se para o hemisfério sul. E
suas estrelas vieram residir alguns dias
em São Paulo.

Deu cócegas o desejo de ter sua própria
Associação.

Há 30 anos, ela disse: *Hoje, eu nasci. E
nasci para brilhar.*

Era um dia 02 de junho, frio como
todo mês junino, do ano 1993.

Filha primeira do que viria a ser
uma grande família.

Dela nasceu a ABRATEF.

Estranho! Mãe nascida de filha.

É. A semente que deu origem à
árvore frondosa

E trouxe muitos outros frutos.

Com ela nasceu a Terapia Familiar
do Brasil.

Com ela surgiu o primeiro Estatuto
de uma Associação de Terapia
Familiar no Brasil, trazendo normas
de conduta como convém a toda
boa convivência.

Capítulo 30

Verônica Cezar-Ferreira

Seus membros foram à Europa e Estados Unidos conhecer mais de perto práticas e técnicas. Beber conhecimento.

Ao México, fomos para participar da terapia da família de origem do terapeuta (FOT). E as malas cheias de livros? Precisei pedir à VARIG isenção do pagamento de taxa por excesso de peso. UFA!

Da Oceania vieram nomes ilustres para dizer como trabalham. Esses, ela já os trouxe. E daí para frente, não parou mais.

Nossa, gente! Quanto brilho!

E mais fulgurante ficou, quando o exército de formiguinhas de todo o Brasil veio juntar-se às formiguinhas paulistas para inesquecíveis encontros.

Só que as formiguinhas brasileiras eram formiguinhas; não eram cigarras que se contentavam em cantar. E em lugar de se desvanecer, usaram os modelos e criaram seu próprio molde. Desenharam a terapia familiar pátria: dos seus para os seus.

E, hoje, são inúmeras as estrelas que brilham, no Brasil e fora dele, ajudando famílias, gerando novas estrelas, tentando cooperar para um mundo um pouco mais harmonioso e uma gente, se possível, mais feliz.

Nomes? Não os daria. Seria uma ousadia. Todos os lembramos de memória. Mas qualquer omissão na escrita seria grave infração e irremediável injustiça.

Pois é. Essa é a APTF. Essa irmã mais velha que, hoje, se enriquece e se nutre com a seiva que recebe das coirmãs de todo o país e da mãe maior.

Soa a lei do retorno?

Essa é nossa APTF! Essa criança de 30 anos, já tão cheia de história, e que ainda abriga a sede da grande família.

E eu, modestamente ou sem falsa modéstia, devo dizer que me sinto feliz por ter participado do parto e, durante esse trintênio, ter, pelo menos, tentado contribuir para seu crescimento.

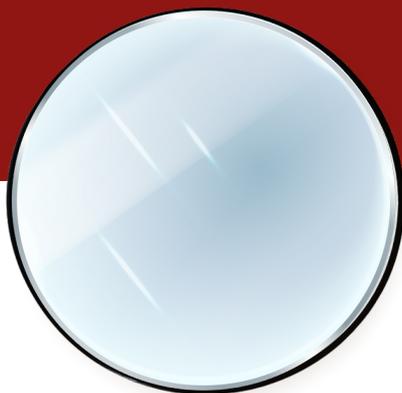
APTF! É uma honra fazer parte de sua história. Parabéns, criança crescida! É muito bom ter você!

Sucesso crescente!

APTF 30 anos: *Histórias & trajetórias
de 30 terapeutas familiares*

Capítulo 31

Você!



**Participante da história da APTF e
protetor(a) de seu legado**

Esse é um momento de celebrar as 3 décadas da APTF e também de traçar planos para o futuro! Convidamos você a compartilhar suas memórias e desejos para a criação coletiva de uma Associação cada vez mais representativa e relevante para nossa sociedade.

Escreva sua história com a gente clicando aqui!



Associação Paulista de Terapia Familiar

A Associação Paulista de Terapia Familiar foi fundada em 1993, sendo a associação regional pioneira no país. No ano seguinte a **ABRATEF (Associação Brasileira de Terapia Familiar)** se consolidou, tornando-se a APTF sua afiliada.

Há 30 anos vem trabalhando pelo **fortalecimento da Terapia Familiar**, congregando terapeutas familiares numa vasta **rede de pertencimento e engajamento!**

MISSÃO

Contribuir para o aprimoramento técnico-científico das(os) terapeutas familiares, além de congregar e apoiar profissionais especialistas nessa área.

DIRETORIA EXECUTIVA



PRESIDENTE
Graziella Jones
C. Mofarrej



VICE-PRESIDENTE
Anaclara Miranda
Rodrigues



1ª SECRETÁRIA
Valéria Nicolau
Paschoal



2ª SECRETÁRIA
Isabel Aparecida
Martins Ferreira



1ª TESOUREIRA
Cristiane Vaz de
Moraes Pertusi



2ª TESOUREIRA
Ivana Freitas
de Oliveira

CONSELHO FISCAL



CONSELHEIRA
Adriana Fráguas



CONSELHEIRO
Ronald Setton



CONSELHEIRA
Rosa Maria
Steffanini Macedo



SUPLENTE
Andreza Maria Neves
Manfredini Tobias

ASSOCIE-SE!

Seja um(a) associado(a) da APTF e
aproveite os inúmeros benefícios, como:

- Afiliação automática à **ABRATEF**, usufruindo de desconto na inscrição para o **Congresso de Terapia Familiar**
- Possibilidade de atendimento nos **Projetos Sociais da APTF**



ATENDIMENTO PSICOTERAPÊUTICO DE
FAMÍLIAS E CASAIS DE BAIXA RENDA



PROJETO COM ATENDIMENTOS VOLTADOS PARA
FAMÍLIAS E COMUNIDADES EM VULNERABILIDADE SOCIAL



ATENDIMENTOS ONLINE

- Seu nome divulgado** na lista de Terapeutas Familiares no site da APTF
- Descontos exclusivos em eventos** mensalmente promovidos pela APTF

JUNTE-SE A NÓS!

Acesse o **QR Code** para se Associar!



 [aptf.terapiafamiliar](https://www.instagram.com/aptf.terapiafamiliar)

 aptf.org.br

 (11) 94507-2283